

SELEÇÃO DE TEXTOS

2020-2021

MEDITAÇÕES
HOMILIAS
ARTIGOS
ENTREVISTAS

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

SELEÇÃO DE TEXTOS
2020-2021

MEDITAÇÕES
HOMILIAS
ARTIGOS
ENTREVISTAS

© 2022 Fundação Studium
SUMÁRIO

MEDITAÇÕES

1. [O 90 aniversário do início das atividades apostólicas com mulheres \(14-II-2020\)](#)
2. [São José e a segurança do impossível \(19-III-2020\)](#)9
3. [Unidos na Última Ceia \(3-IV-2020\)](#)16
4. [O novo mandamento do Senhor \(5-IV-2020\)](#)20
5. [Cristo, espelho de nossa fragilidade \(8-IV-2020\)](#)23

6. [A luz que o mundo necessita \(11-IV-2020\)](#)27
7. [A amizade de Maria \(21-V-2020\)](#)30
8. [Mãe de Deus e esperança nossa \(11-V-2020\)](#)33
9. [Preparar o presente do novo Natal durante o Advento \(7-XII-2020\)](#)37
10. [Meditação pascal \(27-IV-2021\)](#)42

HOMILIAS46

11. [Missa pelos falecidos durante a pandemia \(26-VI-2020\)](#)47
12. [Na festa de São Josemaria \(26-VI-2021\)](#)51
13. [Homilia do Prelado em Torreciudad \(20-VIII-2020\)](#)54
14. [Carta do Papa Francisco ao Prelado do Opus Dei com motivo de suas bodas de ouro sacerdotais \(15-VIII-2021\)](#)56
15. [Inauguração do Ano Acadêmico em Roma \(4-X-2021\)](#)7

ARTIGOS E ENTREVISTAS61

16. [O trabalho de cuidar do mundo \(1-V-2020\)](#)62
17. [A imaginação da caridade \(4-X-2020\)](#)64
18. [O trabalho do futuro: dignidade e encontro \(1-V-2021\)](#)66
19. [Diário Večernji, Croácia \(2-X-2021\)](#)8
20. [Diário Avvenire, Itália \(13-XII-2021\)](#)1

MEDITAÇÕES

1. O 90º aniversário do início dos trabalhos apostólicos com as mulheres (14-II-2020)

Igreja prelatia de Santa Maria da Paz

Começamos a nossa oração continuando a nossa ação de graças. *Gratias tibi Deus, gratias tibi*. Agradecemos ao Senhor neste 90º aniversário.

Naquele momento, o nosso Padre [São Josemaria] recebeu na sua alma essa luz, esse impulso para completar a Obra que o Senhor já tinha previsto desde a eternidade, com a seção de mulheres. E sabemos bem como o nosso Padre, no início, pensou – porque foi assim que tinha entendido – que a Obra era uma coisa para os homens, embora desde o início o nosso Senhor pensasse nela para todos e todas. E como nosso Padre, imediatamente, começou a trabalhar querendo essa vontade do Senhor, já colocando, com grande esforço, com dificuldades, os fundamentos do que vemos realizado hoje em todo o mundo.

Agradecemos a Deus, agradecemos à Virgem Santíssima, nossa Mãe, por quem nos vêm todas as graças, agradecemos ao nosso Padre, aqui ao lado dos seus restos mortais. Agradecemos ao nosso Padre pela sua fidelidade, pela sua entrega. Uma ação de graças também por cada uma e cada um dos nossos irmãos, por toda a Obra. E, cada um de nós, agradecemos pela nossa vocação; hoje especialmente, vocês – também os sacerdotes, mas de uma maneira especial vocês hoje, pela relevância deste aniversário.

Obrigado. Vocês têm que agradecer – todos nós agradecemos – porque naquele 14 de fevereiro de 1930, cada uma de vocês estava na mente de Deus, nos planos de Deus, mesmo antes, desde sempre.

Uma data que é, portanto, algo muito nosso, não é uma coisa do passado, da história, mas tem uma incidência constante, presente na nossa vida, que é motivo de ação de graças: um motivo de agradecimento a nosso Senhor. E agradecemos ao Senhor pela realidade da Obra já realizada. Como o nosso Padre dizia às nossas irmãs há tantos anos, e agora do céu diz com mais motivos, mais porque a Obra está mais desenvolvida: “Agradecei comigo a nosso Senhor por ter querido a seção feminina do

Opus Dei, que trabalha tão maravilhosamente e com tanto espírito cristão a serviço em tantas nações do mundo”.

E isto já é uma realidade, e nós damos graças agora, Senhor, em nossa oração, pensando em nossas irmãs nos cinco continentes, em tantos países, em tantas cidades, com tantos apostolados; nós agradecemos por todo este trabalho, todo este bem, todo este fruto apostólico, toda esta felicidade que transmite a tantas pessoas. Nós agradecemos porque tudo surgiu e vem do seu querer, da sua vontade, do seu amor por nós.

Gratias tibi Deus, gratias tibi: e consideramos estas palavras, de anos depois – no ano 73, em uma das suas *campanadas* [toques do sino] – quando o nosso Padre insistia mais uma vez nesta necessidade de ser muito agradecidos ao nosso Senhor. *Ut in gratiarum semper actione maneamus*, “vivamos em uma contínua ação de graças ao nosso Deus” (Carta 28/03/1973, n. 20). Vamos tentar que hoje isto realmente seja assim: uma contínua ação de graças ao nosso Deus, “Ações de graças que são um ato de fé, que são um ato de esperança, que são um ato de amor” (*Ibid.*).

Um ato de fé em que a Obra, como nosso Padre nos escreveu, “*vem cumprir a Vontade de Deus. Tende, portanto, uma profunda convicção de que o Céu está empenhado em que se realize*” (Instrução 19-III-1934).

E nós devemos ter esta convicção – e hoje, Senhor, queremos que você a infunda mais fortemente nas nossas almas – a convicção, a certeza, que Você está empenhado em que a Obra se realize no mundo inteiro e em cada um de nós: em nossas almas, em nossa vida; que a Obra de Deus se realize no nosso trabalho, na nossa vida de família, no nosso descanso; que sejamos verdadeiramente “Opus Dei”. Com a certeza, com a fé, de que você está empenhado em que se realize. Por muitas que sejam as dificuldades, por grande que seja a nossa própria fraqueza pessoal. Você, Senhor, está determinado a que a Obra se realize na minha alma e nas almas de tantas pessoas em todo o mundo. Dê-nos esta convicção, Senhor, especialmente quando tivermos mais dificuldades, que tenhamos esta fé de que a Obra é sua, de que é Você que a faz com as nossas mãos, com o nosso trabalho, com a nossa fraqueza e com a nossa força, com a força que nos dá.

Hoje nos unimos à ação de graças de milhares irmãs e irmãos nossos e de tantas outras pessoas que conhecem e apreciam a Obra no mundo inteiro. E como o nosso Padre dizia naquela Quinta-feira Santa de 1975, dirigindo-se ao Senhor: “Dão-te graças em toda a Europa, e em pontos da Ásia e da África, e em toda a América, e na Oceania. Em todos os lugares te dão graças” (Meditação, 28 de março de 1975).

E nós nos unimos à ação de graças do mundo inteiro, como o mundo inteiro vai se unir e já está se unindo – em grande parte do mundo – à nossa ação de graças, hoje, aqui, ao lado do nosso Padre. Unimo-nos a esta ação de graças também pensando na Obra, em tantos lugares, em tantas pessoas, porque tudo isto é nosso. E é assim que vemos as coisas, porque a Obra é nossa em todos os lugares.

Profunda convicção, fé. Hoje, o Evangelho da Missa é uma cena da vida do Senhor e de Nossa Senhora, que meditamos todos os dias no Rosário. *Todos os anos, os pais de Jesus iam a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando completou doze anos, eles foram para a festa, como de costume. Terminados os dias da festa, enquanto eles voltavam, Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais percebessem (Lc 2, 41-52).*

Sabemos muito bem como Nossa Senhora e São José consideraram como completamente normal que nesse momento do caminho o Senhor não estivesse com eles – ele devia estar com os seus amigos, com outras famílias. E depois, três dias se passam. Três dias de angústia, três dias sem entender o que poderia ter acontecido, com temor, sofrendo. E, quando o encontram, dizem-lhe exatamente isso: “*Por que agiste assim conosco?*” Eles não entendem, o Senhor Jesus está tão tranquilo lá, no templo, falando, respondendo, perguntando. “*Por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura!*” E ainda mais surpreendente é a resposta do Senhor: “*Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?*”

O Senhor quis que esta conclusão ficasse no Evangelho: “*Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes falou*”. Nossa Senhora e São José não compreenderam os planos do Senhor, porque na realidade, humanamente falando, eram incompreensíveis.

E nós, Senhor, às vezes não entendemos os seus planos, às vezes não entendemos porque as circunstâncias ficam tão complicadas: às vezes não entendemos nem as coisas simples. Mas devemos ter a convicção de que o querer de Deus, a vontade de Deus, o amor de Deus sempre nos acompanha.

Esta nossa fé deve ser também a fé que é luz e que também é escuridão, um claro-escuro. E quando não compreendermos, lembremo-nos de você – pedimos, Mãe nossa – lembremo-nos de você, que tinha uma fé imensa, proporcional à plenitude da graça. Embora você não entendesse, porém – conclui o evangelho – *“guardava todas estas coisas no coração”*. Que tudo isto nos ajude a contemplar o nosso Senhor – não para nos perguntarmos se compreendemos ou não – mas para contemplar, também nessas circunstâncias, o amor de Deus por nós. Nós agradecemos, Senhor, pela fé, agradecemos pela convicção, essa profunda convicção, de que o céu está empenhado em que Obra se realize: no mundo e na minha vida, no meu trabalho e no meu descanso, e em todas as minhas circunstâncias.

É assim que temos de ver o nosso trabalho, mesmo o nosso trabalho diário, comum, pequeno – aparentemente pequeno, que pode e deve ser muito grande. Pode ser muito grande pelo amor que colocarmos nele. Ver nesse trabalho que estamos sempre contribuindo para esse grande panorama, para essa grande missão, para essa grande perspectiva.

Senhor, por intercessão do nosso Padre, pedimos que nos dê também esta esperança forte e firme. Para sabermos que nada do que fazemos pela Obra é inútil; tudo é eficaz, não só nas pequenas coisas que vemos, no trabalho imediato; é eficaz para esta grande coisa, como nosso Padre quis gravar em pedra, no lintel de uma porta, aqui em Villa Tevere, aquelas palavras de São Paulo: *semper, scientes quod labor vester non est inanis in Domino* (1 Cor 15,58). Devemos estar sempre convencidos de que o nosso trabalho nunca é inútil diante de Deus, sempre é útil, sempre é eficaz. Uma ação de graças que é um ato de esperança, pessoal, na nossa própria vida, apesar das nossas limitações e dos nossos erros pessoais. Tem que nos levar também à alegria, à serenidade, à paz. A viver aquele *“spe*

gaudentes” (Rm 12, 12), alegres com esperança. Uma esperança apesar das nossas dificuldades e limitações.

Precisamente, referindo-se à fundação da seção de mulheres e ao agradecimento que devemos colocar especialmente neste dia, o nosso Padre disse: “*A melhor maneira de agradecer – dizia às suas filhas concretamente – é estar contentes, tranquilas, serenas, equilibradas; rezar, trabalhar, sorrir e agradecer porque na Obra nunca estamos sós*”.

Agradecer com esperança é estar contentes. Todos temos de estar contentes, tranquilos; quando ficamos nervosos com alguma coisa, recuperar a sua serenidade. E nós a recuperamos indo ao Senhor, indo ao amor de Deus por nós, à presença de Deus em nós. A esse saber e agradecer, como diz nosso Padre, que na Obra nunca estamos sós.

Estamos sempre nesta maravilhosa realidade da comunhão dos santos.

Que da mesma forma que estamos com o nosso trabalho, com a nossa oração, com toda a nossa vida fazendo a Obra avançar em todos os lugares, em todos os continentes, em todas as cidades, em todo o mundo; todas essas cidades e todas essas pessoas estão nos apoiando. E acima de tudo, nunca estamos sozinhos porque o Senhor está conosco: *Se Deus nobiscum quis contra nos?* (Rom 8:31).

Esta esperança, segura. *Adauge nobis fidem et spem*: esperança. Que se torne realidade na nossa vida, nós pedimos Senhor, como diz São Paulo na sua Epístola aos Romanos: “*Que o Deus da esperança vos encha de toda alegria e paz, em vossa vida de fé. Assim, vossa esperança transbordará, pelo poder do Espírito Santo*” (Rm 15, 13). Nós o pedimos assim. Que o Deus da esperança – porque é o Senhor que nos dá a esperança – nos complete de toda a alegria e paz na fé, nesta fé cheia de alegria, nesta esperança cheia de alegria, na divindade da empresa, na divindade da Obra. Na certeza da vitória, apesar das derrotas que tivermos pessoalmente.

A primeira leitura da Missa de hoje, do Antigo Testamento, entendemos que se aplica a Nossa Senhora como a Mãe da santa esperança: *spes nostra*.

Quantas vezes dizemos: *Santa Maria spes nostra*, a nossa esperança!

Porque toda esta segurança no Senhor chega a nós também através de Nossa Senhora; Ela é a nossa esperança, a santa esperança, Mãe da santa esperança.

Esperança para cada um de nós: a esperança de sermos santos, esperança apesar das dificuldades, esperança para o mundo, a esperança apostólica. Vendo também de forma realista as dificuldades do mundo, que parece estar se afastando cada vez mais de Deus. Mãe nossa, dê-nos uma esperança que também nos mova, porque a esperança nos leva a trabalhar com alegria; porque Deus não perde batalhas, mesmo que pareça que nós as perdemos.

Agradecimento, um ato de amor. Ação de graças que é um ato de amor, um amor agradecido.

Na primeira leitura vamos ler e ouvir: *Mater Pulchrae Dilectionis*. É a festa litúrgica que hoje celebramos, *Mater Pulchrae Dilectionis*, Mãe do Amor Formoso. Um amor formoso compatível com a dor. O velho Simeão profetizou à Virgem Maria – quando levava o Menino para apresentá-lo no templo – que uma espada atravessaria a sua alma. E já no Evangelho de hoje vemos esse sofrimento, essa angústia: como nós procurávamos com angústia (Lc 2, 48). E depois até estar ao pé da cruz.

Um formoso amor que depende da fé. Um amor formoso que queremos receber: o amor de Deus, o amor de Nossa Senhora, e queremos que a nossa correspondência seja também um amor formoso. Um amor formoso que surja na nossa alma também quando experimentarmos a sua falta, para pedi-lo ao Senhor: *Adauge nobis fidem, spem et caritatem*. E isto, com a alegria da nossa vocação, com a alegria desta vontade de Deus para cada um de nós. Especialmente hoje para vocês, para todas as suas irmãs em todo o mundo. Agradecimento também pensando nas milhares de mulheres do Opus Dei que estão no céu, que coroaram a meta.

Quando Nosso Senhor perguntou a São Pedro: “*Simão, tu me amas?*” há aquela resposta: *Domine, tu omnia nosti tu scis quia amo te*. “*Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo*” (Jo 21,17). Queremos dizer isto agora ao Senhor, também como expressão da ação de graças. Uma ação de graças que deve ser um ato de amor. Vamos dizer-lhe assim: *Domine, tu omnia nosti tu scis quia amo te*. Sabe, Senhor, que eu o amo. Colocando nestas palavras – embora às vezes possam parecer fracas – colocando realmente todo o nosso interesse, toda a nossa sinceridade. Nós agradecemos-lhe, Senhor, amando-o. Que também é amar tudo o que Você quer para nós.

Ajuda-nos, Senhor, a fazer que este *Tu scis qui amo te* seja uma verdade mais intensa em nossa vida. Que saibamos amar Você cada vez mais também nos outros. *Sicut tu dilexisti nos. Como Tu nos amaste* (cf. Jo 13,34). O Senhor amou a todos nós, dando a sua vida por todos. Nós, Senhor, queremos que esta ação de graças de hoje seja muito sincera, muito intensa, muito profunda, para que seja realmente um ato de fé, um ato de esperança, um ato de amor. Que seja verdadeiramente um amar, um amar também aos outros em fraternidade, em zelo apostólico.

Esta ideia do nosso Padre – uma ideia e realidade maravilhosa – de que nunca estamos sozinhos, deve também dar-nos a alegria e a responsabilidade de termos realmente a Obra nas nossas mãos. E estar muito atentos aos outros. Ver os outros, cuidar dos outros, que é cuidar da Obra. Amar as outras é amar o Senhor. Que vejamos também este ato de amor, que é o agradecimento, como diz o nosso Padre, em toda a grande dimensão, o grande campo da entrega aos outros. Pedimos, Senhor, agora em nossa oração, que nos ajude para que este agradecimento – que deve ser um ato de amor como nosso Padre nos pede – seja um crescimento, porque precisamos da Sua ajuda, Senhor, para crescer no serviço, na compreensão, na entrega aos outros. Que este amar, como Você nos amou, *sicut tu dilexisti nos*, seja verdadeiramente dar a nossa vida pelos outros.

Como podemos crescer? Tantas vezes nos propomos de uma forma ou de outra todos os dias, como crescer em fé, em esperança, em amor: pedindo ao Senhor. E precisamente uma grande parte da nossa luta, que deve ser repleta de alegria, é também o recomeçar. Nosso Padre nos ensinou assim; toda a nossa vida deve ser um começar e recomeçar. Ir retificando, com alegria, que é a alegria de voltar. A alegria de voltar aos braços da nossa Mãe, do nosso Pai Deus.

Todo este esforço para recomeçar é muitas vezes precisamente esse voltar a pedir ao Senhor, quando sentimos que no fundo nos faltou uma profunda convicção de que estamos fazendo a vontade de Deus nesta tarefa, neste trabalho, neste assunto. Quando nos faltou esperança porque ficamos um pouco desanimados, quando nos faltou amor porque ficamos com raiva, porque nos irritamos. Então é o momento de não

desanimar, mas voltar com alegria, dizendo: *adauge nobis fidem, spem, caritatem*. Com ação de graças, que seja uma petição como um ato de fé, de esperança e de amor, cheia de alegria.

E para isso precisamos, como sempre, estar muito unidos a Nossa Senhora, porque toda a graça, toda a ajuda do Senhor vem a nós através da sua mediação maternal. E queremos tornar realidade, cada dia mais na nossa vida pessoal e na de toda a Obra, o que o nosso Padre podia dizer cheio de gratidão: nós sempre estivemos como Jesus *grudadinhos* à sua Mãe: Maria, a Mãe de Deus, que foi a Mãe do Opus Dei, a Rainha do Opus Dei, a nossa formosura.

Pensando nestes 90 anos, vamos dar muitas graças ao Senhor através de Nossa Senhora, que sempre foi nestes 90 anos a Mãe do Opus Dei, a Rainha do Opus Dei, a nossa formosura. Filialmente grudados à Mãe de Deus, também não nos faltou o sorriso dela em momentos difíceis. Mãe nossa, que possamos ver o seu sorriso também em momentos pessoais difíceis, geralmente em poucas coisas. Se alguma vez há momentos mais difíceis, que sintamos a sua presença e que todas as nossas irmãs no mundo inteiro, quando encontrarem dificuldades, nos momentos difíceis, que não lhes falte também essa convicção do seu sorriso, que você é verdadeiramente a Mãe de Deus, a nossa Mãe, a nossa Rainha, a nossa formosura.

2. São José e a segurança do impossível (19-III-2020)

Igreja prelatia de Santa Maria da Paz

A segunda leitura da missa de hoje nesta grande solenidade de São José – que tem tanto conteúdo para nós e para toda a Igreja – apresenta-nos, antes de tudo, a figura de [Abraão](#). Esse grande patriarca, que a Igreja também considerou mais tarde como nosso pai na fé.

São Paulo diz na epístola aos romanos que leremos hoje, que Abraão, “contra toda a humana esperança, ele firmou-se na esperança”. E ele acreditou contra toda a esperança que seria o pai de muitos povos, e isso lhe valeu a justificação.

Conhecemos bem a história de [Abraão](#): essa disponibilidade ao querer de Deus quando era um querer pouco compreensível humanamente. Ser pai

de muitos povos nas circunstâncias de idade em que se encontrava. Depois, ir a um lugar sem saber para onde estava indo, confiante de que seria Deus quem lhe mostraria a todo momento o que ele deveria fazer, o que ele deveria planejar. Uma grande fé. Esta figura é apresentada hoje pela liturgia como um preâmbulo a São José, aquele grande patriarca do Novo Testamento, nosso pai e senhor. Aí vemos, também, em primeiro lugar, a grande fé de São José.

E agora, em nossa oração, dirigindo-nos a São José, pedimos-lhe que nos consiga uma fé muito grande. A ele, a quem chamamos de nosso pai e senhor, pedimos que obtenha para nós uma fé sem condições, uma fé que traga consigo uma completa e total confiança no Senhor.

Para a missa de hoje se apresentam dois possíveis evangelhos. O de São Mateus nos conta como São José enfrentou um mistério, o grande mistério da Encarnação. Humanamente ele descobre e, como ele é justo, não quer denunciar Maria, pretende abandoná-la em segredo. Mas então vem um sonho. Um sonho no qual lhe é transmitido nada menos do que o Mistério: “Porque o que nela se gerou vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um Filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Quando José acordou, fez o que o Anjo do Senhor lhe ordenara”. Certamente, é um sonho especial acompanhado por toda a graça de Deus para a sua compreensão.

Sabemos muito bem qual era a atitude de São José diante de fenômenos extraordinários: o nascimento de Jesus, depois de ter preparado tudo com muito amor. De Nazaré têm de ir a Belém, onde não encontram lugar; mais ainda, têm que correr de noite para o Egito, fugindo. Ele, que tinha escutado do Anjo que este Menino é o que salvará o seu povo dos seus pecados. No entanto, não é capaz de se salvar, tem que fugir. Com grande incerteza, porque não lhe dizem: “Vai para o Egito por um tempo determinado”, mas: “Vai para lá até que eu te diga”. Podem ser meses, podem ser anos, podem ser semanas... é a disponibilidade diante do que o Senhor nos pede, quando aquilo que Ele nos propõe não é claro, imprevisível, quando o futuro se torna um pouco incontrollável. Mas aí está a fé, a fé de confiar no Senhor.

Em muitas ocasiões nas nossas vidas também encontraremos momentos – provavelmente não tão extraordinários – em que, de alguma forma, temos que colocar em primeiro plano a nossa confiança no Senhor. Vamos pedir-lhe por todos, especialmente hoje a São José: que confiemos em nosso Senhor. E que confiemos no Senhor através dos meios pelos quais quer se comunicar conosco. São José poderia ter pensado: “Tive um sonho, sonhei com isso, mas já me irão dizer mais claramente o que tenho que fazer”.

Uma grande fé. E depois, aquele regresso do Egito. Obedecer também pensando, assumindo a responsabilidade, tomando a iniciativa de regressar a Nazaré, em vez de ficar em Belém. Esta é a obediência da fé. Confiar, confiar no Senhor. Senhor, ajude-nos a confiar em você. Confiar em tudo o que nos vem da sua providência, mesmo quando é extraordinário. Para que saibamos como obedecer. Para que, sabendo obedecer por amor, sejamos livres.

Uma obediência que não é deixar de pensar. O nosso Padre [são Josemaria], referindo-se a São José, disse-nos numa homilia que, nas diversas circunstâncias da sua vida, o patriarca não renunciou a pensar, nem abandonou a sua responsabilidade. Portanto, a nossa obediência aos planos de Deus, em coisas grandes e pequenas, tem de ser baseada na liberdade e, portanto, na responsabilidade, em fazer as coisas porque queremos. Porque queremos, e, dessa forma, seremos sempre livres.

Quantas vezes já meditamos sobre isso, seguindo os ensinamentos do nosso Padre. Não somos livres simplesmente pela capacidade de escolher entre uma coisa ou outra: somos livres porque podemos amar, porque podemos sentir-nos – como o nosso Padre também dizia – livres como pássaros. Também somos livres nestas circunstâncias, nas quais estamos confinados pelo coronavírus. Somos livres como pássaros, porque podemos amar.

Podemos amar e, portanto, fazer tudo, sofrer tudo por amor. Em consequência, porque queremos de verdade. São José é para nós também um modelo na vida diária, na monotonia da vida cotidiana. O nosso

Padre também nos dizia: o que pode esperar um habitante de uma aldeia perdida como Nazaré? Só o trabalho diário, sempre com o mesmo esforço. E, no final do dia, uma casa pobre e pequena para repor as forças e começar o trabalho do dia seguinte.

É assim que é a nossa vida. Um dia de trabalho e outro, sem nenhuma novidade. E, que podemos esperar, pergunta o nosso Padre, que poderia esperar São José? E continua: o nome de José em hebraico significa “Deus acrescentará”. E Deus acrescenta dimensões inesperadas à vida santa daqueles que fazem a sua vontade. O que é importante, o que dá valor a tudo, é o divino. E esta é a nossa vida.

Nós Vos agradecemos, Senhor, e Vos pedimos através da intercessão de São José, especialmente hoje, para que nos faça compreender a grandeza da vida corrente. Aquilo que já meditamos tantas vezes e que precisamos aprender de novo: a grandeza da vida corrente. E, concretamente, a grandeza da vida de trabalho.

Porque Deus, àquela nossa vida aparentemente monótona, acrescenta – como dizia o nosso Padre – o elemento divino. E o que é o divino? O divino é Ele mesmo, o divino é a sua Presença, a sua Graça; o divino é a eficácia sobrenatural do nosso trabalho. É fazer o nosso trabalho divino, tornando-o uma realidade santa.

Conhecemos poucos pormenores da vida de São José, mas podemos imaginar o seu trabalho em Nazaré. Como é que ele trabalharia, especialmente com Jesus? Nós, Senhor, queremos trabalhar com você, queremos que o nosso trabalho diário, habitual e cotidiano tenha esse suplemento divino, que é acima de tudo a sua presença. Que possamos trabalhar com você, Senhor. Com palavras ou sem palavras, que seja algo habitual nos nossos dias e no nosso trabalho, dizer para você, Senhor: “Jesus, vamos fazer isto juntos”. Isto tem de nos dar, por um lado, alegria, segurança; e, por outro, a responsabilidade de que não estamos fazendo algo nosso, sozinhos, mas que estamos fazendo algo muito de Deus, colaborando com Jesus Cristo em tudo o que fazemos.

Fé: a fé de São José. Esperança: a fé que é o fundamento da esperança. Aquela esperança que, como lemos na Epístola aos Colossenses, é posta no que “está reservado para nós nos céus”. E aí devemos ver também o nosso trabalho, na esperança do que “está reservado para nós nos céus”. E já agora, não só quando pela graça e misericórdia de Deus formos para o céu, se formos fiéis, mas já agora o que nos é reservado no céu é toda a ajuda de Deus, todo o amor de Deus, todo este olhar amoroso para o Senhor em todos os momentos.

Qual é a nossa esperança? O que esperamos durante o dia? Tantas coisas. Mas que a nossa esperança esteja nos céus. Que seja fruto da fé, a esperança é fruto da fé. Que possamos sempre esperar, com esperança segura, pelo “divino” nas nossas vidas.

E isso nos dará também segurança diante daquilo que nos parece difícil na nossa própria vida espiritual, que tantas vezes – diante da consciência da vocação à santidade – pode-nos parecer impossível, diante da experiência – tantas vezes repetida – das nossas limitações e misérias. Tantas vezes, humanamente falando, diremos: “Senhor, isto é impossível; mas nós, Senhor, pedimos-lhe, aqui, diante do corpo do nosso Padre, que nos dê – como o nosso Padre o fez – a segurança do impossível”.

Como São José. São José tinha a segurança do impossível. E esta certeza também nos fará imitar São José naquilo que o nosso Padre dizia, que viu na figura de São José o homem com o sorriso permanente e com encolhimento de ombros. Um encolher de ombros não de indiferença, mas de quem pode dizer: “Bem, não importa o que aconteça, porque seja o que for, aqui está a eficácia”.

E o sorriso permanente. No Evangelho não vemos o sorriso de São José, mas – como o nosso Padre fazia – podemos imaginar, sem dúvida o seu rosto amável, simpático, repleto de um sorriso permanente que dá alegria aos outros, que dá segurança aos outros. Também pedimos, Senhor, por intercessão de São José, que sejamos pessoas que sabem sorrir, que sabem sorrir mesmo quando há contrariedades, quando encontramos dificuldades. Sabemos bem, e já o experimentamos com alguma

frequência, o que nosso Padre nos disse: que às vezes um sorriso é a melhor mortificação. Porque às vezes é preciso esforço para sorrir, porque há dificuldades, há preocupações, há doenças. Pode ser difícil sorrir. E o sorriso então não é uma coisa fictícia. Pode e deve ser profundamente autêntico, porque é esse sorrir sabendo que o Senhor está colocando o divino na nossa vida. E saber sorrir também para ajudar os outros, para dar segurança, para dar alegria.

Em situações difíceis, devemos saber sorrir e, sobretudo, rezar. Ontem, o Papa Francisco, a propósito da pandemia, fez este convite: “Invoque sempre São José, principalmente nos momentos difíceis, e confie a sua existência a este grande santo”. Vamos agora também, unindo-nos à oração do Papa, pedir a São José que ponha fim a este tempo difícil para tantas pessoas em todo o mundo.

Fé, esperança e caridade. O amor. A fé que atua mediante a caridade. Podemos imaginar o carinho de São José pelo Menino Jesus, o carinho de São José por Nossa Senhora. Um amor repleto de serviço, de dedicação, de responsabilidade para cuidar da Sagrada Família.

E a caridade tem tanto a ver com a fidelidade, uma fidelidade que hoje queremos renovar com São José. Para dizer ao Senhor, uma vez mais: “Aqui estou, Senhor, para o que você quiser”. Além disso, agradecendo a Ele porque somos muito conscientes de que esta capacidade de nos entregarmos ao Senhor, esta capacidade de nos entregarmos completamente, é um grande dom que o Senhor nos dá, que o Senhor nos oferece.

Bento XVI dizia uma vez que a fidelidade no tempo é o nome do amor. A renovação da nossa fidelidade tem de ser algo que surge do amor, de querer e de desejar a união com o Senhor e, conseqüentemente, de amar os outros, porque a nossa fidelidade aos planos de Deus, a fidelidade à nossa vocação cristã, à nossa vocação à Obra, é amor ao Senhor, amor aos outros, renovado no tempo.

Hoje pedimos ao Senhor, também agora, pela intercessão de São José, pela fidelidade de todos, pela renovação da fidelidade de todos na Obra. Que todos tenhamos sempre uma consciência muito viva de que a fidelidade à nossa vocação é a fidelidade a Jesus Cristo. É, sim, fidelidade a um modo de vida, a uma missão, a um espírito, mas é fidelidade a Jesus Cristo, de tal maneira que nos sentimos sempre muito do Senhor.

São Paulo diz: “Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor; portanto, quer vivamos quer morramos, somos do Senhor” (Rom 14, 8). A nossa identidade é que “pertencemos ao Senhor”.

A nossa fidelidade é reafirmar com gratidão que “pertencemos ao Senhor”. E tudo isto também através da fidelidade ao espírito que recebemos do nosso Padre: hoje é o seu onomástico. É lógico que hoje também nos dirijamos especialmente à sua intercessão.

Esta nossa fidelidade que queremos renovar hoje com uma vontade atual e forte é a fidelidade ao nosso Padre. Não consideremos o nosso Padre – não o vemos assim – como uma figura do passado, admirável, que nos deixou alguns escritos maravilhosos. Vejamos também esta fidelidade, como disse Paulo VI a D. Álvaro, com aquele conselho: “Quando tiver de decidir alguma coisa, pense em como decidiria o fundador, e acertará”. E D. Álvaro comentou que estava muito satisfeito com este conselho, porque era o que habitualmente procurava fazer.

Que a nossa fidelidade tenha também essa tonalidade, que para nós é muito importante, de fidelidade ao nosso Padre: fomentar o interesse em conhecê-lo melhor, em conhecer o seu espírito, os seus escritos, a sua vida, que nos ajudará a ser mais fiéis no dia-a-dia, no nosso trabalho, nas pequenas coisas de cada dia, no hoje e agora. E, ao mesmo tempo, ser fiel quando, em algumas circunstâncias especiais, particularmente difíceis, se apresentam a nós, como aconteceu a São José.

Fidelidade. Fidelidade no tempo é o nome do amor. E é assim: o nosso amor é amor de correspondência. E, portanto, uma grande parte, ou mais

do que uma grande parte, do objeto fundamental da nossa fé é a fé no amor de Deus por nós. Para que o nosso amor, a nossa fidelidade seja correspondência: saber que somos amados pelo Senhor. Como o nosso Padre nos disse, e como já dissemos antes, devemos reconhecer que somos olhados por Deus em todos os momentos, sempre. Que nunca estejamos sozinhos, não só porque estamos rodeados de pessoas que nos amam: é que o Senhor está sempre conosco. O Senhor está tão conosco que nós somos d'Ele: *Domini sumus*.

É por isso que a fidelidade deve ser uma fidelidade cheia de alegria. E é assim. E hoje, enquanto renovamos a nossa fidelidade, queremos renovar também a alegria com que encaramos tudo o que fazemos, no trabalho, nas circunstâncias atuais tão peculiares por causa da epidemia. Devemos viver com alegria.

Viver com alegria, com aquele sorriso permanente de São José, porque é isso que o Senhor quer. Ser fiel ao Senhor é também ser feliz. Quando não estamos contentes, não estamos sendo fiéis, porque o Senhor quer a nossa alegria: “Que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11).

É bom pensar que Deus quer que sejamos felizes, que estejamos alegres. E não apenas isso, mas Ele dá-nos todos os meios para sermos felizes. Dá-nos, acima de tudo, a sua presença, o seu amor, a sua companhia.

E com esta fé, com esta esperança, com esta caridade, com esta correspondência fiel, queremos que seja uma fidelidade apostólica. Não pode ser de outra forma. A nossa identificação com Cristo conduz necessariamente a uma preocupação pelas almas, que de uma forma especial colocamos ontem nas mãos de São José. E hoje, com palavras do nosso Padre, dizemos a nosso Senhor, colocando São José como nosso intercessor: “Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória”. Repitamo-lo muitas vezes hoje: “Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória”. Percorrendo o mundo, porque o mundo inteiro é nosso – o Senhor deu-nos em herança –, percorrendo o mundo desde a América do Norte, América do Sul, Ásia, África, Europa, Oceania: “Almas, almas de apóstolo, são para ti, são para a tua glória”.

Terminamos a meditação, pedindo a São José, a Maria, nossa Mãe, e com Maria e José a Jesus, a esta trindade da terra: que nos levem sempre pela mão à Trindade do Céu, a esse nosso Deus a quem pertencemos. *Domini sumus*, “somos do Senhor”.

3. Unidos na Última Ceia (3-IV-2020)

Já estamos perto da Semana Santa e torna-se cada vez mais espontâneo para nós meditar sobre a Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor; momentos centrais da história, que iluminam a nossa fé e a nossa vida.

De Roma, fica mais fácil viajar com a oração a todos os países, a cada centro, a cada uma das suas casas, especialmente onde agora é preciso viver um tempo de confinamento mais rigoroso, devido à pandemia do coronavírus.

Este pensamento e esta oração se dirigem de modo especial a todos os doentes e aos que cuidam deles. Nestes momentos, podemos acompanhar o Senhor na Paixão, estando na cama de um hospital ou em nossas casas. A cruz é um mistério, mas se, como Cristo e com Cristo, a abraçarmos, é luz e força para cada um e para a darmos aos outros.

Todos esperamos e rezamos com paciência para que esta pandemia acabe. Nestas circunstâncias, ajuda-nos especialmente atualizar a fé no amor de Deus por nós, e corresponder a esse amor também com o serviço aos outros.

Como recordava há pouco tempo numa carta, a comunhão dos santos leva-nos a considerar como nosso tudo o que afeta os outros, porque realmente podemos repetir, com aquelas palavras de São Paulo, que “se um membro sofre, todos os membros padecem com ele” (1 Cor 12, 26). Vamos pedir ao Senhor e à Virgem Maria que isto seja assim em nós.

No domingo passado, o Papa dizia “*Nós queremos responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração, da compaixão, da ternura. Permanecemos unidos. Façamos sentir a nossa proximidade às pessoas mais sozinhas e provadas*”.

Unindo-nos a este desejo do Papa, rezemos pelas pessoas afetadas pelo vírus. Rezemos também para que as consequências sociais e econômicas desta crise sejam as mais leves possíveis: pensemos em tantas famílias preocupadas com o seu futuro, na ansiedade de tantos trabalhadores, nos receios de tantos empresários. É preciso unidade, esperança, generosidade e sacrifício.

Na Última Ceia, o Senhor disse-nos: “No mundo tereis aflições. Mas tende coragem! Eu venci o mundo”. Com esta confiança, preparamo-nos para o Tríduo Pascal, que este ano em muitos países do mundo será celebrado em igrejas vazias, mas que muitos fiéis preencherão com a mente e o coração, seguindo-o através dos meios de comunicação. O Senhor venceu, e nada nem ninguém nos deve desencorajar; ainda mais: a sua vitória encoraja-nos a renovar a luta com esperança.

Ao aproximarmo-nos da Quinta-feira Santa, quando celebraremos a instituição da Eucaristia, é comovente ler as palavras de Jesus no Evangelho de São João:

“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

Dirijamo-nos com a nossa imaginação ao Cenáculo de Jerusalém, para contemplarmos a grande demonstração de amor que o Senhor nos dá.

O nosso Deus está sempre próximo. Mas na Eucaristia ele entrega-se a nós com o seu corpo, com o seu sangue, com a sua alma, com a sua divindade. Ninguém é excluído deste amor. Jesus amou-nos “até ao fim”.

Neste amor até ao fim, o Senhor quis tomar sobre si os pecados de toda a humanidade, para nos levar de volta à amizade com Deus Pai.

Na Quinta-feira Santa recordaremos o momento em que nosso Senhor instituiu a Eucaristia, o sacrifício sacramental da nossa redenção. É um dia em que tradicionalmente muitos cristãos manifestam de várias maneiras a sua adoração e carinho por Jesus no Santíssimo Sacramento.

No entanto, a Quinta-feira Santa deste ano tem um sabor diferente. Todos desejaríamos fazer a vigília diante do Santíssimo Sacramento... principalmente, os que não puderam receber Nosso Senhor na Eucaristia faz tempo, procurem viver a sua comunhão espiritual com a certeza de que Nosso Senhor está com vocês.

Estamos perante uma ocasião única e diferente em que, com a ajuda de Deus, podemos crescer no amor por Jesus-Eucaristia, pela Missa, de uma forma nova.

Jesus: queremos recordar e agradecer por cada uma das vezes que O recebemos na Comunhão. Embora O tenhamos sempre por perto, perceber a ausência da Sua presença sacramental servirá para aumentar o desejo de receber Você de novo, quando for possível.

Todos nos lembramos de como São Josemaria nos ensinou e ensinou a milhares de pessoas esta oração que aprendeu com um religioso das Escolas Pias: “Eu quisera, Senhor, receber-vos com aquela pureza, humildade e devoção com que vos recebeu a vossa Santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos santos”.

Pode ser uma boa preparação para a Quinta-feira Santa, rezar esta oração com carinho: *Eu quisera, Senhor, receber-vos...* Dizer a Ele de verdade: “Eu quisera, Senhor, receber-vos com aquela pureza, humildade e devoção com que vos recebeu a vossa Santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos santos”.

A participação no Sacrifício Eucarístico não é apenas a recordação de algo do passado. Sabemos bem: a Missa é a atualização sacramental do sacrifício do Calvário, a doação do Senhor por nós antecipada na Última Ceia, quando disse: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

São João Paulo II escreveu que o sacrifício da Cruz “é tão decisivo para a salvação do gênero humano que Jesus Cristo o levou a cabo e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado os meios para participar nele, como se tivéssemos estado presentes”. E este meio é a Eucaristia.

A Igreja torna a paixão e a morte de Cristo sacramentalmente presentes em cada celebração da Missa. Nenhuma missa é “privada”. Toda Missa é “universal”, porque é de Cristo e, com Ele, está o seu Corpo, que é a Igreja. E a Igreja é cada um dos batizados: é cada um de nós.

Portanto, perante a impossibilidade de assistir à Missa nestes dias, tenham a certeza de que em cada Eucaristia que os padres celebram sem a assistência do povo, estamos todos presentes. Como São Josemaria explicava: “Quando celebro a Santa Missa apenas com a participação daquele que me ajuda, também aí há povo. Sinto junto de mim todos os católicos, todos os que creem e também os que não creem. Estão presentes todas as criaturas de Deus - a terra, o céu e o mar, os animais e as plantas -, dando glória ao Senhor da Criação inteira”¹.

Tenham grande confiança na força que continua a chegar a todos nós através da celebração do sacrifício eucarístico, também aos que não podem estar presentes. Nós, sacerdotes, queremos levar a cada Missa todos os nossos irmãos e irmãs, todos os nossos parentes e amigos, toda a Igreja, toda a humanidade, de uma forma muito especial os doentes e aqueles que estão sozinhos.

Obrigado, Senhor, pela Eucaristia, pela Missa. Recordamos a imagem do Santo Padre abençoando a humanidade com a Custódia em suas mãos, tendo diante a colunata da Praça de São Pedro. Obrigado, Senhor, pela Eucaristia. E obrigado pelo sacerdócio, que perpetuou este seu amor ao longo do tempo.

4. O Novo Mandamento do Senhor (5-IV-2020)

Na Última Ceia, sabemos disso, e nos lembramos muito bem, Jesus nos deu o mandamento novo: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” (*Jo* 15, 12). E para que ficasse bem gravado na memória dos seus discípulos e de cada um de nós, levantou-se e lavou os pés dos Apóstolos. São João, em sua primeira epístola, escreve: “Nisto sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a vida pelos irmãos” (*1Jo* 3, 16).

Há muitos modos de dar a vida. Os pais de família, com os seus desvelos para cuidar de cada um dos filhos, os profissionais que trabalham com espírito de serviço, procurando melhorar o seu ambiente, sem se deixarem levar pela ganância do lucro. Também dão a vida os sacerdotes que acolhem com abnegação todos os homens e mulheres que a eles se dirigem para encontrar Cristo.

Hoje vemos de modo especial como tantas pessoas estão dando a sua vida pelos outros. A começar pelos profissionais da saúde, que arriscam suas vidas pelas pessoas que padecem a pandemia. Levam o sofrimento de cada paciente e o das suas famílias que, em muitos casos, não os podem acompanhar. Não se limitam a cumprir um dever, são conscientes de que muitos se mantêm graças ao seu trabalho generoso. Poderíamos dizer o mesmo de muitas outras pessoas que, com a sua tarefa tão necessária, que talvez não se nota, colaboram para que o mundo não pare: transportadores, caixas de supermercado, funcionários de farmácias, policiais...

Os que têm mais contato direto com a dor: médicos, enfermeiras, profissionais da saúde variados e naturalmente os sacerdotes, tornam a companhia de Cristo presente de várias formas aos que sofrem pela doença, ou medo, ou estão sozinhos. Rezemos por todos eles, também para que quando estiverem cansados, ou esgotados pela situação, lembrem que Jesus os conforta.

Todos nós podemos colaborar de alguma forma, às vezes com detalhes pequenos, como escrever mensagens a pessoas doentes, ou amigos ou conhecidos que podem se sentir mais sozinhos. Todos nós podemos ter iniciativa e criatividade para ajudar, das formas permitidas pelas autoridades, aos idosos e pessoas mais vulneráveis.

Mas vivemos diariamente o Mandamento Novo do Senhor, nas nossas casas em muitos pequenos atos de amor, que dão paz e alegria às nossas famílias e às pessoas que nos rodeiam. São Josemaria, conhecemos bem este texto, dá este conselho: Mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender”.

Outras formas de tornar vivo este Mandamento de Cristo, e vivê-lo, são: o perdão, a desculpa, o interesse sincero pelos outros, detalhes do serviço na vida cotidiana, paciência na família, que agora, para muitos, significa viver com serenidade o confinamento na própria casa.

Hoje torna-se muito claro que o trabalho é, em primeiro lugar, um serviço, e que a caridade dá a ele o seu sentido mais pleno. Uma sociedade pode resistir se houver quem ponha os seus talentos, o seu esforço, o seu trabalho, em benefício dos outros, mesmo que isso exija sacrifícios.

Durante a Última Ceia, Jesus também pediu ao Pai a unidade de todos aqueles que seriam seus discípulos ao longo dos séculos. “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (*Jo 17, 21*). “Ut omnes unum sint”, Que todos sejam um. Não se trata apenas da unidade de uma organização humanamente bem estruturada, mas da unidade que

o Amor dá com letra maiúscula: como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Neste sentido, os primeiros cristãos são um exemplo claro: é o que se conta nos Atos dos Apóstolos: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (*At 4, 32*).

Como é consequência do amor, a unidade que Jesus nos pede não é uniformidade, mas comunhão. Trata-se de unidade na diversidade, manifestada na alegria de viver com as diferenças, aprender a enriquecer-nos com os outros, fomentar à nossa volta um ambiente de carinho, sem condições, amando os outros como eles são.

Jesus ressaltou que esta unidade é uma condição de fecundidade na transmissão do Evangelho, no apostolado: “ut omnes unum sint”, “a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”. Uma unidade que não constitui um grupo fechado, mas nos abre para oferecer a nossa amizade a todas as pessoas nesta magnífica missão evangelizadora. A vocação do cristão, plenamente vivida, aproximará a Jesus os nossos amigos, os nossos colegas, estejam eles já perto do Senhor ou ainda não.

“Como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti” (*Jo 17, 21*). Que o Senhor nos conceda o dom da unidade e ajude a vivê-la em obras de serviço uns aos outros.

5. Cristo, espelho de nossa fragilidade (8-IV-2020)

A liturgia da Sexta Feira Santa nos situa diretamente diante do grande mistério da Cruz de Jesus Cristo.

No Evangelho contemplamos o Senhor em Getsêmani, sendo preso por uma coorte encabeçada por Judas; vemo-lo conduzido diante do sumo sacerdote Caifás e, depois de ser interrogado, receber uma bofetada injusta.

Depois, na presença de Pilatos, o povo grita: “Crucifica-o, crucifica-o!” (Jo 19, 6); a seguir, Jesus é açoitado e coroado de espinhos.

Na manhã da Sexta Feira Santa, Pilatos apresentou Cristo, torturado e humilhado, ao povo, dizendo: *Ecce Homo* “Eis o homem” (Jo 19, 5). Horas depois seria crucificado.

Em um famoso quadro de Ticiano – o *Ecce Homo* – pode-se ver Jesus, destroçado como homem, mas, no entanto, fazendo brilhar sua divindade e beleza. Deus quis tornar-se visível também na vulnerabilidade.

No sofrimento e talvez na escuridão em que estão tantas pessoas que sofrem no mundo (agora também pela pandemia do coronavírus) podemos contemplar Cristo flagelado e coroado de espinhos. São João Paulo II contemplava-o assim: “É o homem, todo o homem, cada homem em seu ser único e irrepetível, criado e redimido por Deus (...) *Ecce homo...!*”.

É verdade que sofremos juntos, e há tantas provas de solidariedade que o mostram, mas em último termo a dor é experimentada por cada um, a sós com Deus.

A solidão de Jesus mostrado ao povo recorda os enfermos que, pelo isolamento destes dias, morrem sem poder despedir-se de suas famílias e outros que suportam, solitários, a doença. Jesus diante do povo experimentava também a solidão. O seu grito na Cruz (“Por que me abandonaste?”), talvez tenha começado antes com o silêncio sereno do *Ecce Homo*.

Cristo, apresentado ao povo por Pilatos, é também um ícone da dignidade humana maltratada. Há uma misteriosa presença de Deus no sofrimento de toda pessoa. No inocente que sofre por desastres naturais ou por injustiças humanas, mas também quando sofremos por causa de nós mesmos, principalmente por nossos pecados. Pedimos a Deus que nos ajude, que nos salve. Ele carrega todas as consequências dos pecados dos homens. Ele é nossa esperança.

Jesus, ferido e manso, é também como um espelho, no qual nos contemplamos. O Deus, que é amor, mostra-se nas chagas do Cristo dolente.

Uma especial presença de Deus acompanha também a quem se entrega desinteressadamente aos outros, pois “onde está a caridade e o amor aí está Deus”: *Ubi caritas e amor, Deus ibi est!* Vimos tantas mulheres e homens, que são como esses bons samaritanos, figuras de Jesus, nos hospitais, nas residências de idosos, nas famílias. Comprovamos que o individualismo e o utilitarismo não têm a última palavra. Em uma sociedade aparentemente autossuficiente, o Espírito de Deus palpita no coração de muitas pessoas. De um modo ou de outro, Deus sempre se torna presente na história e a fecunda de novo com amor.

A figura do *Ecce Homo* pode ajudar-nos também a ter uma consciência mais profunda de que somos frágeis e muitas vezes indefesos diante de muitos acontecimentos, como nos recordava o Papa – dessa praça de São Pedro vazia – ao falar-nos daquela tormenta que revela nossa fragilidade. Reconhecer esta verdade sobre nós mesmos pode ajudar-nos a rever o nosso relacionamento com Deus e com os outros.

O Evangelho continua: Jesus carrega o madeiro, é despojado de suas vestes e, aparentemente, também da sua dignidade. No momento da

crucifixão, o Senhor diz aquelas palavras que procedem de um salmo: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46).

Por que todo este sofrimento? Por que a Cruz?

Embora não possamos compreender plenamente, a crucifixão nos revela que onde parece haver só debilidade, Deus manifesta o seu poder sem limites; onde vemos fracasso, derrota, incompreensão e ódio, aí precisamente Jesus nos revela o grande poder de Deus: transformar a Cruz em expressão de Amor e de Vitória.

Na epístola aos Hebreus, lemos que no madeiro encontramos “o trono da graça, a fim de alcançar misericórdia” (Hb 4, 16).

Isto foi o que vivenciou um dos crucificados ao lado de Cristo no Calvário. O “bom ladrão” experimenta como a Cruz de Jesus se transforma no lugar no qual sabe ser perdoado e amado: “Hoje estarás comigo no Paraíso”, diz-lhe o Senhor (Lc 23, 43). Na Cruz ouvimos pronunciar a palavra “Paraíso”.

Cruz e paraíso. De instrumento de tortura, de violência e de desprezo, a Cruz transforma-se em meio de salvação, em símbolo de esperança; converteu-se em manifestação do amor infinito e misericordioso de Deus. São Josemaria explica que no caminho da Cruz vemos como Cristo “entrega-se à morte com a plena liberdade do Amor”. Olhar o Crucificado é contemplar nossa esperança.

Nós também podemos contemplá-lo, pegando um crucifixo em nossas mãos, para, simplesmente, contemplar o Senhor. O Papa Francisco convidou-nos a “deixar-nos olhar por ele no momento em que dá a vida por nós e nos atrai a si. O Crucifixo não nos fala de derrota, de fracasso; paradoxalmente fala-nos de uma morte que é vida, que gera vida, porque nos fala de amor, porque ele é o Amor de Deus encarnado, e o Amor não morre, mais ainda, vence o mal e a morte. Quem se deixa olhar por Jesus Crucificado é recriado, chega a ser uma ‘nova criatura’”.

Quanta esperança pode dar-nos nesses momentos olhar o Crucifixo! Pode ser o próprio Crucifixo do nosso quarto ou de qualquer outro lugar de nossa casa. Deter-nos em silêncio, mostrar-lhe nossas feridas interiores, nossos cansaços, nossas preocupações e colocá-los em suas mãos.

Experimentaremos assim o poder transformador do Amor de Deus, que na Cruz abraça o fraco e o enche de esperança. E nos converteremos também nós em sinal concreto do amor de Deus: em nossas famílias, junto aos nossos amigos, em todos os ambientes em que estivermos... em cada um desses “lugares” podemos ser sinal concreto de esperança, se nos unimos a Jesus na Cruz e abrimos com Ele nossos braços aos outros.

Agradeçamos de modo especial, na Sexta Feira Santa, a misericórdia divina que chega até nós através do sacramento da Penitência. Precisamente neste período de mais oração e penitência, que é a Quaresma e a Semana Santa, muitas pessoas em todo o mundo não podem receber este sacramento.

Nesta circunstância tão peculiar, o Papa nos aconselhava, faz uns dias, a pôr em prática o que diz o Catecismo da Igreja Católica sobre os atos de contrição: “se você não encontra um sacerdote para se confessar, fale com Deus, que é seu Pai, e diga-lhe a verdade: ‘Senhor, fiz isto, isto, isto... perdoe-me’ e peça-lhe perdão de todo coração, com o ato de dor e prometa-lhe: ‘confessar-me ei depois, mas perdoe-me agora’”. Cfr. Catecismo da Igreja Católica, 1451 e 1452.

Na Sexta Feira Santa, a Igreja dirige sua atenção para o *Lignum Crucis*, a árvore da Cruz. Na liturgia, rezamos: “Adoramos tua Cruz, Senhor, e louvamos e glorificamos tua santa Ressurreição.

Pelo madeiro veio a alegria ao mundo”

A Cruz irradia esperança ao mundo inteiro. Nela vemos o Senhor com seus braços abertos, disposto a acolher e curar nossas fraquezas. E nela vemos também a Virgem Maria.

Ticiano, depois do *Ecce Homo*, pintou “A Dolorosa com as mãos abertas”. Durante anos os dois quadros ficaram pendurados, um ao lado do outro, na mesma parede. Quando o sofrimento aparecer em nossa vida, ao olhar para Jesus, nós saberemos que sempre somos acompanhados por Maria. A Ela pedimos que nos ajude a permanecermos perto da Cruz, para oferecer esperança a quem estiver ao nosso redor.

6. A luz que necesita o mundo (11-IV-2020)

“Lumen Christi!”. Luz de Cristo! Estas são as palavras que a Igreja faz ressoar em nossos ouvidos no início da Vigília Pascal, que tem início na escuridão da noite.

“Lumen Christi!”. Repete-se três vezes enquanto se vão acendendo as velas dos participantes na celebração litúrgica. A luz de Cristo abre passagem entre as trevas do pecado e da morte! Jesus ressuscitou! É a mensagem de gozo que, dentro de uns dias, voltaremos a receber.

Nos dias precedentes, meditamos na entrega plena de Jesus por nós: desde a instituição da Eucaristia na Última Ceia, até a morte na Cruz.

Agora, vemos como a escuridão do Calvário não é a última palavra. As santas mulheres, que souberam acompanhar o Senhor no momento da Paixão, abrem-nos caminho rumo à luz da Ressurreição. Jesus premia o carinho que as levou a querer embalsamar o seu corpo, e as converte nas primeiras portadoras da alegria da Páscoa.

Como aconteceu com as santas mulheres, a notícia da Ressurreição também nos oferece uma nova luz para as nossas vidas, nestes momentos tão dolorosos para a humanidade. São Paulo recorda aos romanos que nós, cristãos, nos unimos à morte do Senhor “para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós caminhemos em uma nova vida” (*Rm* 6, 4).

A Páscoa nos anuncia que não estamos atados por nossos pecados passados, pelo peso dos nossos erros anteriores, pelos limites que notamos em nossas vidas, pelas circunstâncias mais ou menos difíceis de um momento como o de agora. Por isso, o Apóstolo volta a dizer: “considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (*Rm* 6, 11).

Ao comemorar a ressurreição de Jesus, queremos corresponder ao convite do Senhor para caminhar em uma vida nova.

Mas qual é a novidade? O ritmo de nossa vida costuma ser marcado pelas mesmas coisas que se repetem: o trabalho, o lugar, as pessoas de sempre. Talvez o tenhamos notado ainda mais, nós que nestes dias nos vemos obrigados pela pandemia a não sair de casa.

Em que consiste o sentido de novidade da Páscoa? Consiste na luz da fé que se projeta na nossa existência, e que é vivificada pela caridade e sustentada pela esperança.

São Josemaria destaca assim este fato: “Esta certeza, que procede da fé, faz-nos olhar o que nos cerca sob uma nova luz, e leva-nos a perceber que, permanecendo tudo como antes, tudo se torna diferente, porque tudo é expressão do amor de Deus”.²¹

Sim, pela fé sabemos que Jesus caminha ao nosso lado na vida cotidiana, fazendo-nos descobrir o seu autêntico sentido e valor. A fé nos faz encontrar a Jesus que talvez nos esteja esperando no pedido que nos faz algum membro da família, no favor que podemos prestar a um vizinho, no telefonema a alguém que se sente sozinho...

Pela fé, sabemos que o trabalho feito por amor é sempre valioso, porque se transforma numa oferenda ao nosso Pai Deus. Talvez estejamos

notando agora como tantas coisas fogem de nosso controle e que não podemos confiar só nas nossas forças para alcançar o que nos propusemos. Insinua-se talvez a tentação do desânimo.

Ajudar-nos-á recordar que Jesus Ressuscitado está ao nosso lado quando nos esforçamos para trabalhar em circunstâncias adversas, pensando em nossa família e em todo o mundo. Se trabalhamos com Cristo, todos os nossos esforços ganham sentido, inclusive quando não vemos os resultados esperados, porque o eco das obras que se fazem com amor chega sempre ao Céu.

Tendo anunciado às santas mulheres a notícia da ressurreição de Jesus, o anjo acrescenta: “Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis como vos disse” (Mc 16, 7). Os discípulos devem voltar a Galileia, ao lugar onde tudo começou, à terra que diariamente percorreram com o Mestre durante os anos de sua pregação.

Também nos é dirigida a mesma chamada: voltar à nossa Galileia, à nossa vida cotidiana, mas levando a ela a luz e a alegria da Páscoa.

O Papa Francisco recordou-o há alguns anos: “Voltar à Galileia significa sobretudo voltar para lá, para esse ponto incandescente em que a graça de Deus me tocou no começo do caminho. Com esta chispa posso acender o fogo para o hoje, para cada dia, e levar calor e luz para meus irmãos e irmãs”. ³ Quanto nos ajuda, em momentos de dificuldade, recordar as vezes em que o Senhor se fez presente em nossa vida, e renovar a confiança nele.

Acolhamos o convite do Senhor. Consideremos muitas vezes o sentido da alegria da Páscoa – uma alegria que é compatível com o sofrimento – recebamos a luz que ele nos quer dar e compartilhemos esta luz em nosso ambiente.

Como as santas mulheres, anunciemos com alegria a realidade de que Cristo vive. Que esta certeza se reflita em nossas vidas: na serenidade, na esperança, na caridade com que queremos preencher os nossos dias. Recorramos para isso à intercessão de Nossa Senhora. No dia da

ressurreição, contemplamo-la radiante de alegria pela volta de seu Filho. Esse momento também chegará para cada um de nós, e pelo poder de Deus, se tivermos sido fiéis, viveremos para sempre em Cristo Jesus.

7. A amizade de Maria (21-V-2020)

Em maio, dirigindo o olhar para nossa Mãe, Santa Maria, fazemos um esforço especial para lembrar dela e nos relacionarmos mais com Ela. Realmente, temos a oportunidade de aprender, sempre novamente, com o exemplo da sua vida. Também agora, neste momento especial de “distanciamento social” que estamos vivendo, Nossa Senhora nos ajuda a ser melhores amigos, a inspirar nossa generosidade para estarmos presentes e próximos dos outros, para que ninguém se sinta sozinho. A vida de Maria nos ensina que, também na nossa vida, a amizade humana surge com uma força nova e sobrenatural a partir da amizade com Deus.

Aprendemos isso sempre que rezamos o terço. O Papa Francisco pediu “[que voltemos a descobrir a beleza de rezar o terço em casa, no mês de maio](#)”. Diante da crise sanitária, rezar o terço em família nos servirá, como diz o Santo Padre, para contemplar “o rosto de Cristo, juntamente com o coração de Maria, nossa Mãe” e, desta forma, “nos tornará ainda mais unidos como família espiritual e nos ajudará a superar esta prova”. Rezar o terço juntos também ajuda a unir mais a família. Pela Comunhão dos santos, fazemos isso espiritualmente com toda a Igreja, como uma grande família que acode à mesma Mãe e, de alguma forma, com toda a humanidade. Também podemos convidar um amigo ou uma amiga para rezar conosco, se desejar, talvez pelos meios digitais. Em alguns casos, pode ser uma oportunidade para ajudar alguém a descobrir o terço pela primeira vez.

São João Paulo II dizia que o terço é “como um compêndio do Evangelho”, uma oração que é mariana e cristológica ao mesmo tempo. Em cada mistério, contemplamos um momento da história da salvação. A partir desta contemplação, pode surgir novamente o empenho para descobrir as necessidades dos outros, antecipando-nos a servir, como fazem os amigos.

Nossa Senhora, depois do seu *fiat!* (“faça-se em mim segundo a tua Palavra”), parte com pressa para ajudar a sua prima Isabel. O Anjo não lhe tinha indicado isso, só havia comunicado a gravidez da sua prima

como sinal da onipotência de Deus. Mas Maria percebe que Isabel precisará de ajuda. E Ela, sendo já Mãe de Deus, nos ensina essa manifestação do amor e amizade verdadeira, que é adiantar-se na doação, no serviço desinteressado.

Passam os anos e vemos Nossa Senhora acompanhando Jesus em um casamento em Caná: lá Ela também descobre a necessidade dos noivos antes de todos os outros e toma a iniciativa. O amor de amizade ilumina o olhar, descobre coisas que talvez passem despercebidas aos outros.

Mais tarde, contemplamos Maria junto à Cruz do seu Filho. São Josemaria anima a cada um de nós: “Admira a firmeza de Santa Maria: ao pé da Cruz, com a maior dor humana – não há dor como a sua dor –, cheia de fortaleza. – E pede-lhe dessa firmeza, para que saibas também estar junto da Cruz”. ⁴Vamos pedir que Ela nos ajude a imitá-la na capacidade de ser fortes diante do sofrimento, especialmente neste momento, para que possamos ser ajuda e consolo para os outros com uma amizade sincera.

Depois da Ressurreição de Jesus, Maria reúne os apóstolos que se dispersaram após a paixão do Senhor. Acompanha-os e os consola.

São Lucas escreve sobre Nossa Senhora: “Conservava todas estas coisas – que se referem a Jesus –, meditando-as em seu coração”. Maria reza: a sua conversa com Deus é contemplação e diálogo de amor. É amizade com Deus. E nesse relacionamento com Deus, não duvida em manifestar o que pensa, como vemos em vários momentos no Evangelho. Por exemplo, quando responde ao anjo: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?” (*Lc* 1, 34). Mais tarde, quando encontra o Menino no Templo, pergunta a Jesus: “por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura!” (*Lc* 2, 48). No casamento em Caná, ela compartilha com Jesus o que vê com toda a simplicidade: “Eles não têm vinho” (*Jo* 2, 3). Outras vezes, parece não precisar de muitas palavras para se comunicar com o Senhor. Sabe esperar os tempos de Deus e, enquanto isso, “medita” as coisas “em seu coração”. No fundo, a oração é isso: um profundo relacionamento de amizade e confiança com Deus, que Ele deseja ter com cada um de nós.

Vamos a Jesus por Maria. São Josemaria explicava frequentemente este itinerário da vida cristã: “Se procurarmos Maria, encontraremos Jesus”.⁵ Em muitos países de tradição cristã, “procuramos Maria” com visitas a santuários dedicados a ela. Este ano, talvez não seja possível ir fisicamente aos santuários próximos. Mas os meios digitais também nos ajudarão a encontrar maneiras de realizar essas romarias de maio de uma forma diferente, mesmo em nossa casa.

Quando rezamos o terço, caminhamos com Maria em direção a Jesus, porque toda vez que nos dirigimos a Nossa Senhora, Ela nos conduz ao seu Filho. Acudimos a Ela, onipotência suplicante, para que sejamos fiéis aos desígnios de Deus para cada uma e cada um de nós, também em tempos de muita incerteza. Ela, que passou por momentos muito difíceis e dolorosos, nos consolará e nos fortalecerá, para que – confiando nos planos de Deus – possamos ser apoio para nossos amigos e entes queridos, amando de verdade aos outros.

8. Mãe de Deus e esperança nossa (11-V-2020)

Neste mês de maio, ainda estamos em uma difícil situação mundial, de emergência sanitária, com tantas consequências dolorosas. Nosso pensamento, nossa oração se dirigem especialmente à Santíssima Virgem, que é Mãe da misericórdia e Saúde dos enfermos.

E, acima de tudo, Maria é a Mãe de Deus. Assim o Concílio de Éfeso, no século V, expressou a fé da Igreja, com estas palavras solenes, profundas e, ao mesmo tempo, simples: “A Santa Virgem é mãe de Deus, pois deu à luz carnalmente o Verbo de Deus feito carne”.

O Senhor, em seu plano de salvação, quis contar com “uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi e o nome da virgem era Maria”, conforme lemos no Evangelho de São Lucas (Lc 1,26-27). E ela respondeu ao anúncio do anjo: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). E o Verbo se fez carne.

Todas as qualidades de Maria têm sua raiz na maternidade divina, especialmente a de ser “cheia de graça” (Lc 1,28) – assim a cumprimenta o anjo – completamente santificada pela graça de Deus.

A plenitude da graça em Maria se desdobrava numa plenitude de fé, esperança e de caridade. Essa plenitude não evitava que o sofrimento estivesse presente na vida da Virgem Maria, desde Belém até o Calvário. “Se, por um lado, Deus quis exaltar sua Mãe, por outro, não há dúvida de que, durante a sua vida terrena, Maria não foi poupada nem à experiência da dor, nem ao cansaço do trabalho, nem ao claro-escuro da fé”.⁶ A fé é certamente luz, mas também escuridão, porque se crê naquilo não se vê. Nem sempre podemos entender os planos de Deus, como Maria e José, que, diante da resposta de Jesus depois de encontrá-lo no templo, “não compreenderam o que Ele lhes dissera” (Lc 2, 50). Que a Virgem nos obtenha um aumento na fé, que nos leve a uma confiança segura em Deus, a crer firmemente no amor de Deus por nós, também quando essa fé se manifestar mais em seu aspecto de escuridão.

Gostaria de me deter hoje, especialmente, na esperança. Maria – escreve o Papa Francisco – “nos ensina a virtude da esperança, até quando tudo parece sem sentido: (...) quando Deus parece desaparecer por culpa do

mal do mundo”. Ampara-nos em nossos passos e nos diz: “Levanta-te! Olha em frente, olha para o horizonte, porque Ela é Mãe de esperança”⁷. Com a oração “lembrai-vos” de São Bernardo, dizemos que Nossa Senhora não abandona a quem implora a sua assistência: “Lembrai-vos ó piíssima Virgem Maria, que *nunca se ouviu dizer* que algum daqueles que recorreram à vossa proteção, imploraram a vossa assistência e reclamaram o vosso socorro, fosse por vós desamparado”. Podemos repeti-la nestes dias, com fé, para que dê esperança diante da atual crise sanitária, que também causa sérias dificuldades na economia de muitas famílias, inquietação nos locais de trabalho, tensões na sociedade.

O Papa nos convidou a, no próximo 14 de maio, nos unirmos “a toda a humanidade” em um dia de oração, jejum e obras de caridade, para implorar a Deus que ajude a humanidade a superar a pandemia do coronavírus. Além do que cada um e cada uma considerar oportuno, rezemos especialmente no terço deste dia por essa intenção, pensando em todos os que sofrem as consequências dessa crise sanitária. Pedimos a Nossa Senhora que nos ajude a encarar o futuro com esperança sobrenatural, com confiança no amor de Deus por nós, e, embora a incerteza humana seja grande, que possamos transmitir afeto e serenidade aos outros. Que saibamos ver a vida como um caminho de colaboração em que uns apoiamos aos outros.

Os momentos de adversidade podem chegar a ser ocasiões favoráveis de crescimento interior, melhoria pessoal e social: obrigam-nos a sair de nós mesmos, a nos abrir para os outros. Mas é verdade que, nesses momentos, também podem surgir dúvidas, inquietação, ansiedade.

Com a luz da fé, o sofrimento faz sentido, torna-se mais suportável e pode até se tornar um lugar onde encontrar claridade, paz e alegria interior. Não queremos que ninguém sofra e, ao mesmo tempo, como sabemos que o sofrimento faz parte da existência humana, aprendemos a levá-lo com os outros, a revesti-lo de amor. Na encíclica *Spe Salvi*, de Bento XVI, lemos: “Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela

amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor”.⁸

Confiemos o presente e o futuro da Igreja de maneira especial à Virgem Maria, Mãe de esperança. A sua confiança segura no Filho manteve a Igreja nascente unida, em Pentecostes, naqueles momentos de fragilidade pelos que passaram, nos quais vários discípulos fugiram, um tinha negado Jesus, outros duvidaram, todos tiveram medo (cf. At.1, 14). Ela infundiu esperança.

Renovemos aquele itinerário espiritual que são Josemaria propôs desde o princípio da Obra: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*, todos com Pedro a Jesus por Maria! A nossa fé renovada na Igreja – que é dom de Deus – manifesta-se antes de tudo na oração pela Igreja, pelo Papa e por todos aqueles que sofrem perseguição por causa do Evangelho. Pedimos isso agora a Santa Maria, Mãe da Igreja.

Com a frase final de uma das orações que o Papa propôs adicionar ao terço neste mês de maio, dizemos à Virgem Maria: “Confiemo-nos a Vós, que resplandeceis sobre o nosso caminho como sinal de salvação e de esperança, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Amém”.⁹

Voltemos com o pensamento, com a nossa contemplação do Evangelho, aos primeiros momentos depois daquele “faça-se em mim segundo a tua palavra” de Maria. Para uma mãe, a espera de um filho, de uma filha, é um tempo de esperanças humanas. Em Maria, essa espera teria ressonâncias salvíficas universais, porque sabia que carregava dentro de si o Redentor do mundo. No seu olhar para o futuro, de alguma forma, estávamos cada um de nós. Já a partir dessa espera de nove meses, a Virgem Maria sentiria o peso de toda a humanidade, de ser a “nova Eva”.

Foi junto à Cruz, quando Maria ouviu dos lábios de seu Filho crucificado estas palavras referentes a São João e, em São João, a cada um de nós: “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19:26). Saber que Maria é “nossa Mãe” nos leva a tratá-la com confiança filial, com a esperança certa em sua mediação materna. Com as palavras de São Josemaria, podemos assegurar com alegre esperança: “Toda a fortaleza de que precisamos – devido à nossa pequenez pessoal, devido às nossas fraquezas e erros –

iremos buscar continuamente em Deus, por meio de nossa filial devoção mariana”.¹⁰

Este “buscar continuamente em Deus, por meio da filial devoção mariana” era uma característica precisa da sua própria vida. Justamente nestes dias se cumprem [50 anos da peregrinação a Guadalupe](#), no México, na qual são Josemaria rezou por nove dias consecutivos por todo o mundo e pela Igreja. “Tive que vir ao México – dizia olhando a imagem da Virgem – para repetir-te com a boca e a alma cheias de confiança, que estamos muito seguros de Ti e de tudo o que nos destes (...) Não admitimos mais ambição do que de servir o teu Filho e, por Ele e com a tua ajuda, todas as almas”.

Neste mês de maio também se cumpre o centenário do nascimento de [São João Paulo II](#), que colocou o seu longo pontificado sob a proteção de Maria, com o lema *Totus Tuus*, “todo teu”, referindo-se à Virgem.

“Quantas graças recebi da Virgem Maria”, escreveu ele em sua carta sobre o Rosário.

Que Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, obtenha para nós do seu Filho Jesus, um aumento de fé e de esperança, que leve consigo uma intensificação do nosso amor a Deus e aos outros.

9. Preparar o presente do novo Natal durante o advento (7-XII-2020)

“Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas estradas” (Mc 1,3). A liturgia do Advento nos propõe estas palavras de Isaías – proféticas – sobre João Batista, como também vemos no Evangelho. O Advento é uma espera e uma preparação, não uma espera passiva, mas uma preparação para a chegada do Senhor.

Celebraremos no Natal, precisamente, a Encarnação, o Nascimento do Filho de Deus feito criança, para nós. Já temos que nos preparar para contemplar este mistério extraordinário que é uma manifestação, acima de tudo, do amor de Deus por nós, da entrega do Senhor por nós. Aquele que é onipotente, o Criador, o Infinito, quer se tornar uma pequena criança para nós e por nós.

Devemos nos preparar para receber este presente de Deus com enorme agradecimento, com a novidade que o Natal nos propõe de novo todos os anos. Também sabemos bem que a liturgia do Advento faz referência àquela segunda vinda do Senhor no final dos tempos, que de alguma forma é adiantada para cada pessoa com a sua própria morte, com o fim da sua passagem na terra. Algo que não deve nos assustar, mas que também deve nos fazer sentir a nossa própria vida como uma preparação, como um Advento: o Senhor virá para nos recolher. Toda a nossa existência é, de certa forma, um tempo de espera até o dia em que Jesus virá para nos levar consigo.

Um tempo de espera ativa. O nosso caminho para Belém tem que ser uma busca de Jesus em todas as dimensões de nossa vida diária. Mas para isso devemos “endireitar as suas estradas”. O que significa “endireitar as suas estradas”? Significa, para nós, retirar os obstáculos à vinda do Senhor a nós, a nossas almas, à nossa vida.

E que obstáculos encontramos? Muitos. Cada um de nós pode ver: na minha vida, o que é, de alguma forma, um obstáculo para que o Senhor venha mais? Com outras palavras, o que me impede de abrir a minha alma, o meu dia, a minha vida comum para que o Senhor entre mais plenamente com a sua força, a sua graça, o seu bem, a sua alegria? Dizendo de outra forma: tudo pode ser resumido a um grande obstáculo, que é o nosso próprio eu, o próprio orgulho com o qual sempre teremos que lutar, sem desanimar, quando o vemos aparecer.

No fundo, é a conversão. Uma conversão que é, sim, fruto do nosso esforço, mas acima de tudo, da graça de Deus. Uma graça de Deus que tem que nos dar luz para ver onde temos que melhorar, onde temos que abrir mais o caminho para a vinda do Senhor em nossa vida. E, ao mesmo tempo, a força que o Senhor nos dá com a sua graça, para podermos realizá-la, para podermos corresponder.

Por isso, ver as nossas limitações, os nossos limites, não deve nos desencorajar. Tem que nos dar, de alguma forma, alegria, não por serem limites, mas porque são uma luz que nos permite melhorar, que nos permite estar mais abertos ao dom de Deus. E, sobretudo, ver esta graça de Deus, esta luz de Deus como fruto, como consequência, de algo tão grande como o amor onipotente de Deus por cada um de nós, que agora se manifesta para nós nesta vinda – que esperamos, para a qual nos preparamos ativamente – de Deus feito menino por nós e para nós.

Meditar sobre a vinda do Senhor a nós também nos leva, logicamente, a pensar na Eucaristia, porque é onde encontramos toda a força – todos os dias, se quisermos todos os dias – para abrir a alma a essa vinda que já é uma realidade plena em comunhão, que, como diz um Padre da Igreja, especificamente São Leão Magno, em um texto que a liturgia menciona alguma vez, “pois a participação do corpo e do sangue de Cristo não se realiza outra coisa senão a nossa transformação naquilo mesmo que recebemos”¹¹¹. Vai nos identificando com Jesus Cristo, porque este “abrir os caminhos”, este “endireitar as estradas”, este “preparar-nos para a vinda do Senhor”, é uma preparação para nos identificarmos com Ele. E fazemos isso fundamentalmente na Eucaristia – Ele faz isso na Eucaristia!

– para que esta identificação seja real, para que o nosso pensamento esteja de acordo com o pensamento do Senhor, para que as nossas reações perante as pessoas ou circunstâncias sejam as reações do Senhor. Procuremos nos identificar com Jesus, também durante o Advento, pensando na simplicidade do Menino, na disponibilidade do Menino, em como o Menino se deixava levar. Por quem? Nada menos que Nossa Senhora.

E assim entramos em outro aspecto que eu gostaria de considerar em nossa oração, para pedir a Nossa Senhora, pedimos a ela agora, que nos acompanhe por ocasião da grande solenidade da Imaculada Conceição. Na verdade, que nós a acompanhemos no caminho a Belém para encontrar mais intensamente Jesus Cristo – novamente considerado, contemplado – como expressão do seu infinito amor feito Menino por nós.

A Imaculada Conceição

Ela, Maria, concebida sem nenhuma mancha, cheia de graça. Este “cheia de graça” é o nome com que o Arcanjo a chama na Anunciação: “Ave, cheia de graça” (Lc 1,26). Mais tarde, ele também dirá “Maria” quando disser “não tenhas medo, Maria” (Lc 1,30), mas a saudação é como se fosse o seu nome próprio: “Cheia de graça”. “Cheia de graça”, o que significa isso? O significado original é: completamente transformada pela graça. É assim que a contemplamos, sabendo também que ela é Mãe nossa, Mãe de Deus desde o momento da Encarnação e Mãe nossa.

[Esta cena] fazia São Josemaria exclamar – com uma admiração que queremos que seja nossa também: “Mais do que tu, só Deus!” Olhando para Nossa Senhora, diremos: “Mais do que tu, só Deus!”. Ela recebe uma vocação surpreendente. Pergunta para saber bem do que se trata. E quando o Anjo lhe explica, aparece a resposta de plena dedicação: *Fiat!* “Faça-se”. “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

O primeiro Advento já é a espera do nascimento do Senhor desde que está em seu ventre virginal. Nesta resposta de Nossa Senhora vemos – como dizia o Papa Francisco em uma homilia – que a plenitude da graça

transforma o coração e o torna capaz de realizar aquele ato tão grande, o *Fiat!* de Nossa Senhora, que mudará a história da humanidade (Francisco, 8 de dezembro de 2015). Essa palavra: “faça-se”.

Nós também devemos responder assim ao Senhor: “Faça-se”. Porque todos nós temos uma vocação muito precisa. São Paulo, em um texto – que certamente muitos ou todos nós já meditamos alguma vez, ou frequentemente – da Epístola aos Efésios, diz que o Senhor Deus “nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4).

Esse texto em latim é interessante, porque quando diz “íntegros”, embora signifique a mesma coisa, diz: “imaculados”. Nós não somos realmente “imaculados”, mas somos chamados a nos tornarmos imaculados. E como? Pelo amor, diz. No amor... Por isso, o chamado universal à santidade que São Josemaria sempre pregou, e que o Concílio Vaticano II assumiu solenemente, não é uma santidade de não ter defeitos, de ser super perfeitos, ou para ficar em um museu... É a santidade que consiste no amor, na plenitude do amor. Porque seremos capazes, com a graça de Deus, de amar cada vez mais a Deus, apesar das nossas limitações, mesmo que continuemos tendo defeitos e limitações: amar a Deus e amar aos outros.

Bento XVI, na sua encíclica “Deus Caritas est”, perguntava-se: é possível amar a Deus, a quem não vemos? Certamente, ele poderia ter feito uma apresentação filosófica e teológica para responder a esta pergunta, mas se limitou à resposta sintética fundamental: é possível amar a Deus, a quem não vemos? Na verdade, “Deus se tornou visível em Jesus Cristo”. É aí que devemos concentrar os nossos esforços: contemplar o Senhor, Jesus, no Evangelho, na nossa oração pessoal. Porque assim também teremos a força de amar mais aos outros e também de imitar Nossa Senhora.

É impressionante como, imediatamente após a Anunciação, imediatamente depois de ter se tornado – com aquele *fiat!* – Mãe de Deus, a primeira coisa que, podemos dizer, *vem à cabeça* de Nossa Senhora é pensar em sua prima. Porque o anjo lhe havia dito que a sua prima estava esperando um bebê, mas não lhe havia dito para ir vê-la.

Isso era um sinal da onipotência de Deus, porque era uma prima já idosa. E Nossa Senhora percebeu imediatamente que a sua prima precisaria de ajuda e viaja. E não para cumprimentar, ficar algumas horas ou alguns dias. Fica meses!

Peçamos a Nossa Senhora que nos obtenha do Senhor uma graça que nos leve, primeiro a descobrir as necessidades dos outros, e depois a ter a decisão, o desejo e a eficácia para servir, ajudar, sentir as necessidades dos outros como nossas.

E vemos a Virgem Imaculada, fruto desta plenitude de graça, como ela também sabe como descobrir as necessidades em Caná. O Senhor, os seus discípulos e Nossa Senhora foram convidados para esse casamento. Nossa Senhora é a única que percebe que o vinho está faltando. Podemos dizer: é uma coisa tão material... Mas era importante para os noivos, para eles não ficarem mal. Nossa Senhora descobre até mesmo essas pequenas coisas e é por amor, pela sua plenitude de graça.

Mãe, nós não temos plenitude de graça, mas com a sua ajuda queremos nos parecer a você para assim sermos mais parecidos a Jesus. Preparar-nos para receber neste Advento o presente do novo Natal, fazendo que a nossa vida seja um presente para os outros, e especialmente para os que mais precisarem. Há tantas pessoas sozinhas, tantos doentes, pessoas isoladas, tantas pessoas que por causa da pandemia estão sofrendo sérias dificuldades econômicas, em suas famílias.

Recorremos, para terminar, à mediação materna de Maria, para que Ela nos guie com José também em nosso caminho para aquele Presépio constante do nosso encontro pessoal com Jesus.

10. Meditação pascal (27-IV-2021)

Sobre os acontecimentos do dia da Ressurreição do Senhor, São João escreve no capítulo 20 do seu Evangelho: “Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: ‘A paz esteja convosco!’” (Jo 20,19).

A alegria. É a alegria da Páscoa. Uma alegria que neste tempo Pascal a Igreja nos anima a renovar nas nossas almas, mas que é uma alegria que deve ser permanente porque Cristo ressuscitou e está sempre conosco.

Pouco antes da Paixão, disse aos apóstolos: “Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa”. É maravilhoso pensar que o desejo de Jesus Cristo é que sejamos felizes, que estejamos contentes e que a nossa alegria seja completa. E, além disso, dá-nos o motivo: “disse estas coisas para que estejais contentes, para que a vossa alegria seja completa”... E diz-nos: “como o Pai me ama, também eu vos amo (Cfr. Jo 15,9-11).

E aí temos que ver a principal fonte da nossa alegria, a razão da nossa felicidade: o amor de Deus por nós, que não é um amor qualquer. Ele diz:

“como o Pai me ama, assim também eu vos amo”. Ou seja, Ele nos ama – o que diz aos apóstolos também diz a nós, por isso quis que estivesse no Evangelho; o Senhor nos ama com o amor – nada menos – com o que Deus Pai ama Jesus Cristo.

Esta é a grande fonte da nossa alegria, e assim nos diz o Senhor: “disse isso para que a minha alegria esteja em vós”. Este é o fundamento. Por isso, São João, depois, em uma de suas epístolas, diz aquela espécie de fórmula solene que resume a experiência dos apóstolos nas suas relações com Jesus Cristo, quando escreve: “E nós, que cremos, reconhecemos o amor que Deus tem para conosco” (1 Jo 4,16). E nós, Senhor, agora, rezando, fazendo uma pequena oração, queremos ter esta fé de acreditar verdadeiramente no amor que tens por nós, para que a nossa alegria seja completa. Porque o Senhor quer que sejamos felizes com esta alegria completa, o que também significa que deve ser permanente, que devemos estar sempre felizes, como São Paulo nos recorda quando escreve em uma das suas epístolas: esta é a vontade de Deus, que sejais felizes, que estejais contentes.

“Os discípulos, então, se alegraram por verem o Senhor” (Jo 20, 20). Como vemos o Senhor, para estar contentes, como os discípulos? Vemo-lo com fé, com os olhos da fé; e vemo-lo de uma forma muito especial, na Eucaristia, sempre que estamos diante de um sacrário, com a fé de que Jesus Cristo está realmente ali, e que permaneceu ali para cada um de nós, e que está ali para nos dar a si próprio como alimento, para nos identificar com ele. Ver o Senhor, certamente com fé, é por isso que precisamos tanto que a nossa fé cresça, e é por isso que é tão bom pedir muitas vezes, como os apóstolos, que disseram ao Senhor: “Auge nobis fidem”, aumenta a nossa fé, aumenta a nossa fé (Lc 17, 5).

E muito especialmente agora, neste tempo de Páscoa: Senhor, aumenta a nossa fé no amor que tens por nós para que ao dizer-nos isto (o amor que tens por nós), a nossa felicidade, a nossa alegria, possa ser verdadeiramente completa.

Na verdade, não podemos ignorar tantas razões que nos poderiam roubar a alegria e que tendem, de fato, a roubar-nos a alegria: tanto sofrimento – às vezes pessoal – de entes queridos, dor física e moral, desgostos; e agora, pensando em tanto sofrimento causado por esta pandemia que o mundo inteiro está sofrendo; e tantas outras desgraças, e tantas outras razões que haveria, evidentemente, para não ser feliz. No entanto, podemos ser felizes, devemos ser felizes, se tivermos fé no amor de Deus. Mas também, precisamente, com a consciência de que o objeto da fé é aquilo que não se pode

ver. E é por isso que tantas vezes podemos pensar e reagir: como é possível, por que Ele permite isto? Tantas vezes Ele permite porque depende da liberdade humana – e o valor da liberdade é tão grande – que há tantos males no mundo que dependem do uso indevido da liberdade. Mas há outros momentos em que não, e nós não compreendemos: é o momento da fé, o momento da fé.

Pensando também que, na providência de Deus, o Senhor exigiu uma grande fé de Nossa Senhora e de São José e eles a tiveram, mesmo quando não compreenderam. Não podemos deixar de nos lembrar dessa cena quando o Senhor tem doze anos e fica em Jerusalém sem dizer nada a Nossa Senhora e a São José, quando eles estão voltando. Ninguém pode compreender porque o Senhor faz isso. O Evangelho nos diz que Nossa Senhora e São José estavam angustiados. E eles não compreenderam. O Evangelho diz expressamente que quando o encontram, perguntam: “Filho, por que nos fizeste isto?” E Ele dá uma razão surpreendente: “Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?” (cf. Lc 2, 41-50).

Não nos preocupemos, não fiquemos angustiados por não compreendermos os planos de Deus. Humanamente falando, muitas vezes eles “nos privam da nossa alegria”. Não nos preocupemos, voltemos atrás, recuperemos, porque às vezes perdemos a alegria, mas podemos recuperá-la com um ato de fé, com um ato de fé no amor de Deus: que Deus está conosco e que verdadeiramente *Dominus tecum*, disse o anjo a Nossa Senhora (cf. Lc 1, 28). E também nos diz sempre que o Senhor está conosco: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos” (cf. Mt 28, 20). Disse-o aos apóstolos e disse-o a nós.

Temos de ser felizes, temos de nos esforçar para sermos felizes. Não com uma alegria superficial, muito menos irracional, desligada da realidade. Se é uma alegria enraizada no amor de Deus, é compatível com a Cruz. Lembro-me de uma expressão de São Josemaria, quando nos dizia que “a alegria tem as suas raízes em forma da Cruz” (Forja, 28), sobretudo na Cruz de Cristo, que é o que nos redimiou, o que nos permite ter fé, o que nos permite ter amor, o que nos permite, no fundo, ter autêntica alegria. Aí se encontra a raiz da nossa alegria, na Cruz de Cristo.

E é também por isso que a dor e o sofrimento na nossa vida podem ter como raiz uma alegria que se propaga para os outros: uma alegria que nunca deve ser algo egoísta, individualista. Na verdade, a autêntica alegria – mesmo a alegria humana, que é boa – é em si mesma expansiva. A alegria cristã tende a contagiar os outros, aqueles que nos são próximos, todos, com um sorriso, com

bom humor, com ajuda, com interesse pelos outros, para que, como são Josemaria gostava de dizer, todos possamos ser, e tentar ser, apesar das nossas limitações e dos nossos próprios erros, semeadores de paz e alegria.

Além dos que estão mais próximos de nós, podemos ser semeadores de alegria no mundo inteiro com a nossa oração. Levar o mundo inteiro à nossa oração para que as pessoas possam ser felizes, para que as pessoas saibam encontrar alegria também na Cruz, sentindo tudo como “muito nosso”, pois o mundo é nosso.

Recordamos o Salmo 2, quando, referindo-se profeticamente a Jesus Cristo, diz: “Eu te darei as nações por herança” (Sal 2, 8). Em Jesus Cristo ele nos deu, especialmente aos cristãos, o mundo como herança. E temos de sentir esta responsabilidade de sentir tudo como próprio, mesmo os sofrimentos daqueles que não conhecemos, até os confins da terra, para que com a nossa alegria e com a nossa oração possamos também semear alegria onde não podemos chegar fisicamente.

Podemos pensar que Nossa Senhora estava sempre feliz, com a plenitude da graça como Mãe de Deus. E, no entanto, teve de sofrer muito; é o exemplo de quem sabe unir, de ser capaz – com a graça de Deus, pedindo ao Senhor – de ser feliz quando temos de sofrer, desde aquele momento em que recordamos o Menino perdido e encontrado no templo, até a Cruz.

Vamos pedir a Nossa Senhora, a quem chamamos “Causa da nossa alegria” na ladainha do Terço, que nos ajude a ser felizes, e com a sua intercessão e a sua mediação maternal, nos obtenha um aumento de graça, um aumento de fortaleza, um aumento de fé, especialmente no amor que Deus tem por nós, para que nestes tempos de Páscoa a alegria possa crescer nas nossas almas e ser transmitida durante todo o ano e a possamos transmitir a todos os que nos rodeiam e com a oração até ao fim do mundo.

HOMILIAS

11. Missa pelos falecidos durante a pandemia (26-VI-2020)

Igreja Prelaticia de Santa Maria da Paz

Hoje, na festa litúrgica de São Josemaria, aqui junto dos seus restos mortais, na igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, pedimos a sua intercessão por todos os que estão sofrendo as consequências do

coronavírus, principalmente pelos falecidos e suas famílias. Agora, nosso pensamento se dirige especialmente aos países onde a pandemia continua mais presente. A comunhão dos santos nos leva a tomar como próprio o que afeta os outros, porque “se um membro sofre, todos sofrem com ele”. “Estamos todos neste barco”, disse o Papa Francisco. Estamos “chamados a remar juntos, todos necessitados de nos confortarmos mutuamente”.¹²¹

As leituras da Missa de hoje nos recordam três realidades que São Josemaria tinha no coração: a Eucaristia, o *omnia in bonum* (tudo é para o bem!) e o sentido de missão.

“Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Estas palavras, que leremos na antífona da comunhão, resumem o caminhar terreno de Jesus, que esteve marcado pela entrega aos outros. “Carregou nossos pecados em seu próprio corpo, sobre a cruz, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça” (1 Pd 2,24). E este sacrifício volta a se fazer presente na santa Missa, onde Cristo entrega-se a nós totalmente. Ele mesmo se oferece como alimento que nos sustenta, enche-nos da sua misericórdia e do seu amor, como o fez no Calvário.

Durante os meses de confinamento, estamos aprendendo a dar mais valor à participação no Sacrifício eucarístico. Em muitas famílias, no meio desta situação difícil, a primeira coisa que se fazia todos os dias era acompanhar a santa Missa pela televisão. Tiravam forças desse momento para enfrentar a jornada e, ao mesmo tempo, aumentavam o seu desejo de receber o Senhor sacramentalmente.

Nestas circunstâncias difíceis do mundo, deste mundo do qual fazemos parte e que amamos como criação de Deus, enchem-nos de consolo estas palavras que lemos na segunda leitura e que São Josemaria meditou tantas vezes: “De fato, vós não recebestes espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, no qual todos nós clamamos: “Abbá, ó Pai!” (Rm 8,15). Sabermos-nos filhas e filhos de um Deus que sabe tudo e pode tudo dá-nos uma profunda alegria que é fruto do Espírito Santo.

Isto não significa que não tenhamos dificuldades e sofrimentos. São Paulo termina o texto que acabamos de ler assim: somos “herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se realmente sofrermos com ele, é para sermos também glorificados com ele” (Rm 8,17). Estas palavras nos ajudam a entender o sentido da dor. Quando algo nos faz sofrer, podemos unir-nos ao sacrifício de Jesus na Cruz, com a esperança posta na ressurreição. Porque o que cura o homem “não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor”.¹³²

A fé nos dá a segurança de que tudo acontece para o bem: *Omnia in bonum!*, era o que São Josemaria gostava de repetir com palavras de São Paulo (cfr. Rm 8,28). Sim, tudo acontece para o bem, mesmo que às vezes custe entender o bem que possa trazer uma situação como a que estamos atravessando. Mas o certo é que, neste tempo, presenciamos inúmeras mostras de generosidade, de criatividade, de iniciativa e o trabalho abnegado de tantas pessoas, chegando inclusive a arriscar sua própria vida: profissionais da saúde, forças de segurança, sacerdotes, voluntários... Também conhecemos histórias de pais e mães se desvivendo para cuidar de cada lar durante o confinamento. Estes exemplos de entrega nos fizeram estar mais unidos, ser mais conscientes de que necessitamos dos outros e de que os outros precisam de nós. No Evangelho de hoje, lemos este convite de Jesus a Simão Pedro, que o impulsiona em sua missão: “avança para águas mais profunda e lança as redes para a pesca” (Lc 5,4). E hoje, Ele dirige essas mesmas palavras a cada um de nós: deixar de lado a própria comodidade para ir ao encontro dos outros e transmitir a alegria do Evangelho, a alegria de uma vida junto de Jesus, que deu a sua vida por amor a cada um de nós.

Para avançar a águas mais profundas é preciso audácia, desejos de mudar o mundo. Mas, acima de tudo, é necessário ter um coração enamorado, deixar que Cristo seja o centro da nossa vida, de maneira que Ele seja “o único motor de todas as nossas atividades”¹⁴³.

Depois do convite de Jesus para remar mar adentro, lemos: “Assim fizeram, e apanharam tamanha quantidade de peixes, que as redes se

rompiam” (Lc 5,6). A eficácia sobrenatural do nosso trabalho também não depende das nossas qualidades, mas de deixarmos o Senhor agir. “Quando nos colocamos com generosidade ao seu serviço, Ele realiza maravilhas em nós. Assim age em relação a cada um de nós: pede-nos que o recebamos no barco da nossa vida, para voltar a partir com Ele e sulcar um novo mar, que se revela cheio de surpresas”¹⁵⁴. Este foi o ideal que inspirou a vida de São Josemaria. Sentia que “a Obra nasceu para estender por todo o mundo a mensagem de amor e de paz que o Senhor nos legou”¹⁶⁵. Que nós também saibamos nos lançar com essa mesma confiança a tudo o que o Senhor nos pedir.

Os que estamos participando desta Santa Missa – de modo presencial ou pelas redes – unimo-nos com carinho e oração a todo sofrimento do mundo e nos confiamos aos falecidos para que do Céu – com São Josemaria, no dia da sua festa – intercedam por todos nós.

Recorramos muito especialmente a Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa. Ela, Consoladora dos aflitos, nos ajudará a ver, com os olhos da fé, o amor do seu Filho nas dificuldades pelas quais estamos passando. Ela, Estrela da manhã, nos guiará por esse caminho de amor e confiança em Deus.

Agora me dirijo aos que participaram desta celebração na Basílica de Santo Eugenio. Embora na Itália já tenhamos superado o momento mais crítico da pandemia, em outras partes do mundo o isolamento continua, por causa do coronavírus. Unamo-nos agora em oração por esses países, e ao mesmo tempo rezemos por todos aqueles que nos deixaram nos últimos meses e por suas famílias.

É difícil entender porque Deus permitiu esta situação. São Paulo escreve que “tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus”, e São Josemaria utilizava esta ideia transformando-a em jaculatória: *Omnia in bonum!* Tudo é para o bem! De cada contrariedade, Deus tira um bem, como, provavelmente, vimos também nós, de alguma forma, nestes meses.

Na festa de São Josemaria, junto dos seus restos mortais, podemos recorrer à sua intercessão para que nos ajude a estar sempre muito unidos entre nós e com todos os que sofrem. Ajudemo-nos uns aos outros por meio da oração, do afeto, do serviço desinteressado. Como dizia o Papa Francisco durante o momento extraordinário de oração pela pandemia, fomos “todos chamados a remar juntos, todos necessitados de nos confortarmos mutuamente. Estamos todos no mesmo barco”. Não nos esqueçamos de rezar pelo Santo Padre e pelo seu ministério na Igreja.

Assim seja.

12. Na festa de São Josemaria (26-VI-2021)

Basílica de Santo Eugênio

Nesta nova festa de São Josemaria, no dia do aniversário da sua chegada ao céu, agradecemos primeiramente a Deus por permitir-nos celebrá-la com certa normalidade, dentro destas circunstâncias. Há um ano exatamente, apenas algumas pessoas puderam participar da celebração

realizada em Santa Maria da Paz, que foi oferecida pelos falecidos na pandemia. Hoje rezamos mais uma vez por todos os falecidos e doentes, junto com as suas famílias, e recorreremos à intercessão de São Josemaria para protegê-los do céu.

Na primeira leitura, ouvimos o relato da criação do homem. Deus formou o homem do pó da terra, e então criou o mundo para ele e para a sua descendência *ut operaretur*, para que o trabalhasse e guardasse. São Josemaria chamava a atenção para o fato de que o trabalho é uma missão “que Deus nos confia aqui na terra (...) fazendo-nos participar do seu poder criador, para que ganhemos o nosso sustento e simultaneamente colhamos *frutos para a vida eterna*”¹⁷¹.

O próprio Jesus passou a maior parte da sua vida terrena trabalhando em uma oficina com José. Tanto que quando começou a sua vida pública, era conhecido pelo seu ofício entre as pessoas do lugar: “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?”¹⁸² O seu trabalho não despertava nenhuma surpresa, como aconteceria mais tarde com os seus milagres e a sua pregação. Seus dias na oficina fazem-nos compreender que a santidade é construída também ali: entre as ferramentas do trabalho, no desejo de servir e cuidar os que nos rodeiam, em meio às alegrias e ao cansaço que, de uma forma ou de outra, nunca faltam.

Considerar o trabalho desta maneira ajuda-nos a vê-lo não apenas como uma realidade meramente material, mas como uma resposta à vocação que Deus deu a cada um e que abraça toda a nossa existência. Como afirma o Papa Francisco: no trabalho “estão em jogo muitas dimensões da vida: a criatividade, a projeção do futuro, o desenvolvimento das capacidades, a exercitação dos valores, a comunicação com os outros”.¹⁹³

Na segunda leitura, São Paulo fala do espírito que deve permear o nosso relacionamento com Deus: “Vós não recebestes um espírito de escravos (...), mas recebestes um espírito de filhos adotivos, no qual todos nós clamamos: Abá – ó Pai!”²⁰⁴.

É precisamente a consciência da nossa filiação divina que nos permite viver sem medo: “Não tenho medo de nada nem de ninguém, nem mesmo de Deus, que é meu Pai”, dizia São Josemaria. Esta realidade leva-

nos a enfrentar todas as dificuldades com serenidade e sem desânimo, especialmente perante os erros e limitações, nossos e dos outros, porque com a graça divina sempre temos a luz e a força para transformá-los em caminho de santidade. Com confiança filial em Deus, podemos nos abandonar em seus braços, sem confiar somente em nossas próprias forças.

Este abandono filial foi o fundamento da vida espiritual de São Josemaria. Espontaneamente considerava a si mesmo um menino que balbucia, e não fazia mais do que começar e recomeçar a cada dia. Esta intimidade com seu Deus Pai transparecia especialmente na oração.

No Evangelho, depois, ouvimos o convite que Jesus dirige aos Apóstolos a “avançar para águas mais profundas”. Depois dessas palavras vemos uma certa relutância por parte de Simão Pedro, fruto do fracasso do trabalho que acabava de concluir: “Mestre, nós trabalhamos a noite inteira e nada pescamos”. E, no entanto, responde imediatamente: “Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes”.²¹⁵ Ainda não conhecia bem Jesus, mas isso não o impediu de confiar nele e desconfiar das suas próprias forças, sem pensar no que teria mais sentido do ponto de vista humano. O resultado apagou todas as dúvidas: “apanharam tamanha quantidade de peixes que as redes se rompiam”.²²⁶

Hoje, também, Jesus nos chama a lançar-nos em um apostolado que não admite medo, porque sabemos que Ele, o Senhor, guia o nosso barco. Nesta situação marcada pela pandemia, nós também encontramos dificuldades que limitaram a nossa ação apostólica. Limitaram sim, mas não a detiveram, porque para o cristão tudo é apostolado, como aprendemos de São Josemaria.

De fato, durante estes longos meses muitas iniciativas apostólicas foram empreendidas com paixão, criatividade e constância. Em momentos em que o mundo tem uma necessidade especial de Deus, devemos nos comprometer a fazer com que as pessoas ao nosso redor compreendam, com sincera amizade, o que significa viver perto de Jesus. O Senhor

garantirá que a eficácia de nosso trabalho seja tão grande quanto a pesca milagrosa.

Recorramos à intercessão materna de Nossa Senhora, com a simplicidade e a confiança que São Josemaria tinha. Em uma ocasião, ele confidenciou a um grupo de filhos seus, dizendo: “Eu geralmente me abandono, tento me tornar pequeno e me colocar nos braços de Nossa Senhora”. ²³⁷Que seja assim também para nós.

13. Homilia do Prelado em Torreciudad (20-VIII-2020)

Ouvimos na primeira leitura a profecia de Isaías, que anuncia a vinda do Redentor, de Jesus, dando-lhe um nome muito especial: Emanuel, que significa “Deus conosco”. Verdadeiramente Deus está conosco, o próprio Senhor – temo-lo aqui no Sacrário, na Eucaristia – e a Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, está conosco na nossa alma em graça. Na verdade, Jesus ama-nos tanto que quis que o seu próprio Nome seja o de estar conosco.

Na segunda leitura, de São Paulo, ouvimos que somos filhos de Deus. Ele não está apenas conosco: está conosco como um Pai, como um Pai que nos ama, como um Pai que nos quer identificados com o seu Filho unigênito, com Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo. E isso deve dar-nos grande esperança e grande confiança nas nossas relações com o Senhor, na nossa oração.

E com confiança, também agradecimento. Que sejamos pessoas agradecidas ao Senhor. Também por motivos singulares, tais como o aniversário da ordenação sacerdotal, para mim e para muitos outros sacerdotes. Também para cada um de vocês haverá momentos especiais em que será mais espontâneo dar graças ao Senhor. Mas esta realidade de ação de graças a Deus tem de ser algo constante. Há muitos anos, na véspera do dia 1 de janeiro, São Josemaria deu-nos uma sugestão, uma espécie de propósito, disse-nos em latim: *Ut in gratiarum semper actione maneamus*, o que significa que devemos permanecer sempre em ação de graças. Devemos permanecer sempre em ação de graças, para saber reconhecer o bem que o Senhor nos dá, diretamente na nossa alma, e também o bem que Ele nos dá através de tantas pessoas na nossa família, no trabalho, nas nossas amizades. Saber reconhecer o bem para ser agradecidos. Permanecer sempre em ação de graças. Mas algumas vezes nem tudo é tão bom: há sofrimento, há doença, há contratempos, há desgrças. Bem, aí também podemos estar gratos a Deus, podemos agradecer porque, como São Josemaria também diz em “Caminho”, Nosso Senhor faz-nos então participar da sua doce cruz ([Caminho, 658](#)). É uma questão de fé saber como descobrir o amor de Deus, mesmo na dor. Isto só é possível com fé e olhando para a Cruz de Jesus Cristo, tentando identificar-nos com Ele. Esta fé ilumina esta verdade maravilhosa: Deus é verdadeiramente Amor; Deus ama-nos loucamente, com uma “loucura” que o levou até à Cruz para nos salvar. São João, numa das suas epístolas, faz uma espécie de resumo da sua experiência, a experiência dos apóstolos, ao lidar com Jesus Cristo, e diz de forma solene: “nós”, referia-se aos apóstolos, “conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós”. Se, às vezes, falta-nos um pouco de fé para saber como descobrir o amor de Deus, peçamos a Jesus, como lhe disseram os apóstolos: “aumenta a nossa fé!”. Também

precisamos de fé para ter a certeza de que, por cima, por baixo e no meio de todos os acontecimentos, está o nosso Pai Deus, que cuida de nós, mesmo que muitas vezes não o possamos compreender.

O Senhor quer que estejamos contentes, que sejamos felizes também aqui na terra, apesar das dificuldades que possamos encontrar. Ele disse aos apóstolos, naquele momento especial da Última Ceia, como se expressasse o seu grande desejo: “Que a minha alegria esteja em vós e que a vossa alegria seja completa” (Jo 15,9-11). Este é o desejo de Cristo para nós: que possamos ser felizes. Mas precisamos de fé. Peçamos ao Senhor: aumenta a nossa fé, hoje e agora, aumenta a nossa fé, para ter também a força de não nos centrarmos apenas em nós próprios, nas nossas dificuldades, para estarmos mais abertos aos outros.

No Evangelho, acabamos de ouvir essa cena, como tantas outras surpreendentes, em que Nossa Senhora é a primeira e única a reparar nas necessidades das pessoas. Nem mesmo os encarregados do casamento, da organização, estavam atentos a isso. Nossa Senhora nota que falta vinho. Vamos pedir-lhe que nos ajude a descobrir as necessidades dos outros, que nos ajude a esquecer-nos um pouco mais de nós mesmos, porque assim seremos mais felizes. Porque não há maneira mais segura de estar contentes do que entregarmo-nos aos outros, do que pensar nos outros.

São Josemaria também dizia: “Dar-se sinceramente aos outros é de tal eficácia, que Deus o premia com uma humildade cheia de alegria” ([Forja, 591](#)). Que Nossa Senhora nos ajude a ter uma fé mais firme de que somos filhos e filhas de Deus, amados por Deus, e que nos dê a certeza de que em todas as circunstâncias das nossas vidas somos acompanhados pelo imenso amor de Deus por nós. Assim seja.

14. Carta do Papa Francisco ao Prelado do Opus Dei com motivo de suas bodas de ouro sacerdotais (15-VIII-2021)

Tradução do latim:

Ao meu querido filho Mons. Fernando Ocáriz, que na Solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria está celebrando alegremente o jubileu

de ouro do seu sacerdócio, acompanhamo-lo com a Nossa oração, louvamos o seu notável espírito missionário, a sua profunda ciência e a intensa atividade pastoral para que a fé católica se difunda, e ao mesmo tempo, por intercessão da mais doce Rainha do Céu e de São Josemaria Escrivá, concedemos com profundo afeto a ele e a todos os fiéis da Prelazia a Nossa Bênção Apostólica e pedimos orações para que possamos realizar o ministério petrino com a alegria do Evangelho.

Dado em Roma, São João de Latrão, 30 de julho do ano de 2021.

Francisco.

15. Inauguração do Ano Acadêmico em Roma (4-X-2021)

Homilia: O dom da unidade

Acabamos de ouvir o relato de Pentecostes. O relato de um encontro muito especial que, graças à descida do Espírito Santo, deu à humanidade a oportunidade de se reunir novamente em nome do Senhor, não mais como estranhos, mas como irmãos.

Estou feliz por estar aqui com todos vocês hoje, após um longo tempo de ausência durante o qual a pandemia, ainda não vencida, impediu-nos de nos encontrarmos pessoalmente. Hoje rezo de maneira especial por nosso querido professor Miguel Ángel Tabet e por todas as pessoas da nossa comunidade acadêmica que faleceram nos últimos meses.

“Pentecostes é a festa da união, da compreensão e da comunhão humana” (2012), disse Bento XVI há alguns anos. Esta comunhão é um presente de Deus, do qual o nosso mundo e toda a família cristã tanto necessitam. O início de um novo ano letivo é uma ocasião propícia para nos unirmos ao Senhor, mais uma vez, na oração pela unidade que Ele pronunciou na sua última Ceia: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós” (Jo 17, 21).

Em janeiro passado, o Papa Francisco, falando da unidade da Igreja, disse: “O Senhor não ordenou aos discípulos que se unissem. Nem lhes

deu um discurso para justificar essa necessidade. Não, Ele rezou ao Pai por nós, para que fossemos um. Isso significa que nossas próprias forças não são suficientes para alcançar a unidade. A unidade é antes de tudo um dom, uma graça que devemos pedir na oração”.

No Evangelho de hoje, ouvimos que Jesus tinha muito mais coisas para dizer aos Apóstolos (cf. Jo 16,12). Entre elas está certamente o desejo de unidade na Igreja e de unidade entre nós. Unidade que nos permite descobrir as grandes obras de Deus de que falavam os apóstolos (cf. At 2,11). A alternativa, como bem sabemos, é ficarmos ancorados nas nossas pequenas coisas, que, em vez de aproximar-nos de Deus e dos outros, nos prendem em nosso egoísmo, e não nos permitem ver a beleza do mundo e, sobretudo, o valor das outras pessoas.

O Salmo volta a falar dessas grandes obras: “Bendize, ó minha alma, o Senhor! Senhor, meu Deus, vós sois imensamente grande! Quão variadas são as vossas obras! Feitas, todas, com sabedoria, a terra está cheia das coisas que criastes”. (Salmo 103). Entre essas obras estão as pessoas, de uma forma especial. Cada pessoa é uma obra do Senhor que nos é oferecida como um dom. Cabe a cada um de nós descobrir o presente que é cada pessoa que encontramos em nosso caminho.

Nos anos da Universidade, há muitos encontros com gente nova: outros alunos, professores, funcionários da Universidade. Peçamos ao Senhor saber descobrir sempre o presente que Ele nos dá em todos estes encontros. Quantas belas amizades nascem durante os anos em Roma! Amizades duradouras que todos nós levaremos aos nossos países e que muitas vezes são um forte estímulo em nossa vida a serviço de Deus. “Quando uma amizade é verdadeira, quando a preocupação pela outra pessoa é sincera e preenche a nossa oração, não há tempos compartilhados que não sejam apostólicos: tudo é amizade e tudo é apostolado, sem nenhuma distinção” (Carta Pastoral 1/11/2019, n. 19).

Em 1969, São Josemaria dizia numa meditação: “Viver segundo o Espírito Santo é viver de fé, de esperança, de caridade: é deixar que Deus tome posse de nós e mude pela raiz os nossos corações, para os moldar à

sua medida” (É Cristo que passa, 134). Façamos talvez, também, um novo propósito de viver de acordo com o Espírito Santo, que nada mais é do que viver como Jesus. Estas palavras de São Josemaria falam de uma mudança de coração pela raiz. Alguns podem se perguntar porque isso é necessário. Por que ainda precisamos de uma mudança de coração, na raiz, se já temos muitos anos de vida cristã ou mesmo uma vocação a serviço de Deus em sua Igreja? A resposta a esta pergunta encontra-se nas palavras de Jesus que acabamos de ouvir: “Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos”. Se realmente queremos ouvir a voz de Deus hoje, devemos ter um espírito aberto. Precisamos daquela atitude humilde de quem sabe que recebeu muito e, ao mesmo tempo, de quem é consciente de que Deus é muito grande e que a sua sabedoria ultrapassa em muito o nosso saber.

Em Pentecostes, Nossa Senhora ocupa um lugar discreto, mas está presente junto aos apóstolos de seu Filho. Peçamos a ela, no início deste ano letivo, que nos ilumine nos próximos meses para que também nós possamos ser instrumentos de unidade onde quer que estejamos e, especificamente, na vida universitária.

Discurso na abertura do Ano Acadêmico, Sala João Pablo II, Universidade Pontifícia da Santa Cruz

Sou grato pela oportunidade de nos encontrarmos presencialmente no início deste ano acadêmico.

O momento que estamos vivendo, com a experiência da pandemia que está afetando países de todo o mundo, me leva a propor algumas reflexões sobre o assunto. Estamos sem dúvida atravessando um momento de crise global que está tendo um grande impacto no modo de pensar e viver de muitas pessoas. Nossa Universidade presta uma atenção especial à compreensão do mundo, da história e de cada pessoa a partir do mistério de Cristo, como diz o ponto 2 dos Estatutos, e, portanto, o estudo e a atenção das necessidades da nossa sociedade, das mulheres e homens que vivem este momento particular da história, não pode prescindir uma reflexão sobre do que está acontecendo conosco, com as

pessoas que estão ao nosso lado e sobre as suas consequências a nível global.

O termo crise em sua origem grega significa distinguir, discernir, diferenciar e inclui a capacidade de se concentrar no que é essencial. Portanto, neste sentido, a vivência de uma crise compreende a oportunidade de aprender a parar, refletir sobre os acontecimentos e sobre nós mesmos no cotidiano da nossa experiência e da dos outros, abrindo as nossas mentes e corações às necessidades que surgirem, e a novas formas de viver, trabalhar e nos relacionarmos.

A universidade é um lugar privilegiado onde podemos aprender a moldar o novo desenvolvimento que está ocorrendo, ouvindo atentamente as pessoas e os acontecimentos, e relacionando esta escuta com o estudo e a vida acadêmica. No contexto da vida intelectual, temos a oportunidade de implementar o princípio que o Papa Francisco expressa na *Evangelii gaudium* (no. 231): “a realidade é superior à ideia”.

A realidade de mulheres e homens como filhos de Deus em Cristo, é e deve ser um ponto de referência constante para todos os estudos e pesquisas em nossa Universidade. A crise sanitária e suas consequências estão levando a humanidade a enfrentar questões fundamentais da existência: o significado do sofrimento, da solidão, da interdependência relacional, do bem comum, da liberdade, do direito. O estudo e a pesquisa acadêmica nas Faculdades de Teologia, Filosofia, Direito Canônico e Comunicação Institucional poderão oferecer contribuições que iluminem a complexidade da realidade e a experiência das pessoas de hoje. Antes da pandemia, muitas pessoas podiam ser condicionadas pelo pensamento auto referencial do pós-humanismo, que acreditava na possibilidade de se autofundar, convencidos da sua própria onipotência. A realidade, neste caso, expôs a falsidade da ideia. Em alguns aspectos, a experiência da pandemia aproximou a humanidade da realidade e, portanto, da verdade.

Uma maior consciência de nossa condição de criaturas, dos limites impostos pela pandemia, dos medos decorrentes de uma situação de constante incerteza, pode fomentar o espírito de escuta e aprendizagem da realidade que é a pedra angular de qualquer contexto educativo.

Desenvolver esta atitude em relação à realidade também pode significar, em nosso ambiente universitário, aprender com cada pessoa.

Gostaria de concluir com uma frase escrita em outro contexto por São Josemaria, inspirador desta Universidade: “estas crises mundiais são crises de santos” (Caminho, 301). Como a vida espiritual de cada um de nós, a nossa união com Cristo, está estruturalmente relacionada à atividade humana e, portanto, aos problemas da sociedade, tem um impacto sobre o destino do mundo. E a humildade necessária para aprender de todos pode fornecer uma base sólida no caminho para a santidade.

Desejo a todos, professores, estudantes e funcionários da Universidade, bom trabalho neste novo ano acadêmico 2021-2022, que eu declaro inaugurado.

ARTIGOS E ENTREVISTAS

16. O trabalho de cuidar do mundo (1-V-2020)

O dia 1º de maio, festa do trabalho, nos convida neste ano a considerarmos diversas realidades e aspectos que a crise do coronavirus

pôs especialmente em destaque: que no mundo há um grande número de pessoas boas; o progresso deve estar unido a um domínio sobre a natureza que seja ao mesmo tempo respeito em relação a ela; dependemos uns dos outros; somos vulneráveis; e uma sociedade, para ser humana, precisa ser solidária.

Na resposta à pandemia, distinguem-se sobre tudo as profissões voltadas para o cuidado das pessoas. Palavras relacionadas com “cuidar” ocupam as manchetes: acompanhar, chorar, proteger, escutar... Essa situação faz-nos pensar no “para quê” e no “até que ponto” de qualquer trabalho. De alguma maneira, aprendemos a compreender melhor que o serviço é a alma da sociedade, o que dá sentido ao trabalho.

O trabalho é bem mais do que uma necessidade ou um produto. O livro da Bíblia que relata as origens da humanidade, afirma que Deus criou o homem “para que trabalhasse” e cuidasse do mundo (*Gênesis*, 2,15). O trabalho não é um castigo, mas a situação normal do ser humano no universo. Mediante o trabalho, estabelecemos uma relação com Deus e com os outros e, trabalhando, cada um pode desenvolver-se melhor como pessoa.

A reação exemplar de inúmeros profissionais, crentes ou não, perante a pandemia, está manifestando essa dimensão de serviço, e ajuda-nos a pensar que o destinatário último de qualquer tarefa ou profissão é alguém com nome e sobrenome, alguém que possui uma dignidade irrenunciável. Todo trabalho nobre pode ser reconduzido, afinal, à tarefa de “cuidar das pessoas”.

Quando procuramos trabalhar bem, mantendo a abertura para o próximo, o nosso trabalho, qualquer trabalho, ganha um sentido completamente novo, e pode tornar-se um caminho de encontro com Deus. Faz um bem muito grande integrar no trabalho — mesmo no mais rotineiro — a perspectiva da “pessoa”, que é a do serviço que vai além do devido pela retribuição recebida.

Como acontecia já nos primeiros tempos do cristianismo, percebe-se também agora o potencial de cada leigo que tenta ser testemunha do

Evangelho, ombro a ombro com seus colegas, compartilhando paixão profissional, compromisso e humanidade em meio do sofrimento causado pela pandemia e pela incerteza do futuro.

Todo cristão é “Igreja” e, apesar das limitações pessoais, se estiver unido a Jesus Cristo, pode levar o amor de Deus “à torrente circulatória da sociedade”, para citar uma imagem utilizada por São Josemaria, que pregou a mensagem da santidade através do trabalho profissional. Com o nosso trabalho e o nosso serviço podemos tornar presente o cuidado de Deus para com cada pessoa.

A celebração de 1º de maio também é preocupação pelo futuro, pela insegurança no trabalho a curto ou médio prazo. Os católicos recorreremos com especial empenho à intercessão de São José Operário, para que ninguém perca a esperança, para que saibamos nos ajustar à nova realidade. Que São José ilumine os que têm de tomar decisões, e nos ajude a compreender que o trabalho é para a pessoa e não o contrário.

Nos próximos meses e anos, será importante “fazer memória” do que estamos vivendo, como pedia o Papa Francisco, e lembrar-nos de que “caímos na conta de que estávamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados; mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários, todos chamados a remar juntos”.

Oxalá este dia 1º de maio nos leve a desejar que a liberdade recuperada no final do confinamento seja uma verdadeira liberdade “a serviço dos outros”. O trabalho se tornará então, como é o desígnio de Deus desde o princípio, o cuidado do mundo e, em primeiro lugar, das pessoas que nele habitam.

17. A imaginação da caridade (4-X-2020)

Nestes meses em que o mundo está sendo submetido a uma dura prova por causa da pandemia, testemunhamos atitudes heróicas de pessoas de todos os setores da sociedade. Profissionais da Saúde dos cinco continentes manifestam um espírito de sacrifício que recebeu aplausos vindos das janelas dos lares de muitas cidades. Os meios de comunicação transmitiram notícias de profunda humanidade, ao narrarem iniciativas solidárias de inúmeras pessoas que se mobilizaram – e continuam a fazer isso – para oferecer remédio às necessidades urgentes que se apresentaram. A Igreja também reagiu com generosidade, e várias centenas de sacerdotes deram a vida para levar os auxílios espirituais aos doentes. A dor e o sofrimento unem e é frequente que, muitos vizinhos que antes não se conheciam, agora estejam unidos por laços de amizade, pois se ajudaram nos momentos de maior emergência.

Na audiência geral do dia 23 de setembro, o Papa Francisco lembrava que “ou trabalhamos juntos para sair da crise, em todos os níveis da sociedade, ou jamais sairemos”. Se começamos estas linhas comentando tantos exemplos positivos de entrega aos outros durante a crise da pandemia, não podemos fechar os olhos às realidades negativas.

A cultura contemporânea, que possui tantos valores positivos, ao mesmo tempo está marcada por uma doença grave, a que se refere o Santo Padre: o individualismo. Por mais que a atual crise sanitária seja superada, se não nos unirmos, se não olharmos os outros como nossos próximos – como pessoas que têm, em si mesmas, um valor único, que merecem respeito, compreensão e proximidade –, permanecerão as feridas de uma sociedade individualista e anônima, terminando por se converter em um campo de batalha entre interesses egoístas.

O trabalho é uma dimensão essencial da vida social. A crise sanitária causou uma crise trabalhista de grandes proporções. Os desafios que se apresentam são muitos e urgentes. Nas circunstâncias atuais, algumas características do trabalho que podem atenuar as consequências negativas

da crise são especialmente relevantes. Penso, em primeiro lugar, no espírito de serviço. O trabalho está a serviço do bem comum social e da pessoa humana entendida em sua integridade. A criação de novos postos de trabalho, a conservação dos que já existem e, acima de tudo, a mudança de mentalidade que sempre coloca no centro a pessoa humana, e não uma lógica meramente econômica, são um antídoto contra o individualismo reinante. Impõe-se, com palavras de São João Paulo II, colocar em prática “a imaginação da caridade”.

Todos sonhamos com uma sociedade justa. A situação de muitas sociedades se alterou depois deste longo sofrimento da humanidade. Se justiça é “dar a cada um o que é seu”, é necessário que os que têm a responsabilidade de tomar decisões na vida social exercitem essa “imaginação da caridade”. Porque, como dizia São Josemaria Escrivá, “convençam-se de que só com a justiça não resolverão nunca os grandes problemas da humanidade”. E acrescentava que a dignidade da pessoa humana exige mais: a caridade, que “é como um generoso exorbitar-se da justiça”. Caridade que supõe realizar bem o trabalho que nos é confiado, colocá-lo a serviço das necessidades dos outros, que neste momento são mais urgentes. Trabalhar bem é aproveitar o melhor possível as nossas capacidades – na família, na empresa, na escola, em todos os âmbitos dos afazeres humanos –, para manifestar proximidade e superar com amor o “distanciamento social” físico que as circunstâncias impõem.

Todos estamos chamados a viver a “imaginação da caridade”, para resolvermos juntos os desafios que este nosso mundo coloca diante de nós. Este mundo nosso que queremos melhorar, seguindo os passos Daquele que nos deu o exemplo de um esquecimento de si mesmo a ponto de dar a vida pelos outros.

18. O trabalho do futuro: dignidade e encontro (1-V-2021)

No dia 1º de maio celebramos o Dia Mundial do Trabalho. A atividade humana de trabalhar engloba a pessoa em todas as suas dimensões: inteligência, vontade, afetos, aspirações. “É a primeira vocação do homem: trabalhar. E isso lhe dá dignidade” (Papa Francisco, 1/05/2020). Hoje, coincidindo com o Dia Mundial do Trabalho, muitos recordamos São José Operário.

A pandemia continua assolando o trabalho de milhões de homens e mulheres: empregos perdidos e aumento da precariedade. Essas duas feridas, desemprego e precariedade, nos interrogam sobre o trabalho do futuro.

Em tantos lugares, a crise sanitária substituiu o trabalho presencial pelas telas do computador no próprio domicílio, com aspectos positivos e negativos. No home office constatamos a glória da técnica e o seu limite. Se, por um lado, houve progresso na eficácia e foram resolvidos obstáculos que pareciam sem solução, ao mesmo tempo comprovamos que a pessoa humana necessita de relações reais, não virtuais, para compartilhar o que cada uma tem em seu coração.

O tempo transcorrido desde o início da pandemia nos confirma também que a crise é transversal, que afeta toda a humanidade, e que o trabalho deveria estar no núcleo de um futuro melhor. Conservar e criar postos de trabalho, com a criatividade de quem busca o bem dos outros, é talvez hoje em dia um dos imperativos da caridade.

Perante tantas situações pessoais destruídas, o trabalho nos oferece a oportunidade de progredir em outra de suas dimensões: a capacidade de acolhida e abertura aos outros. Na confluência entre ruptura e acolhida ressurgem a nostalgia de transcendência, de ir além de si próprio, de cuidar e ser cuidados, de ajudar e ser ajudados, primeiras consequências do reconhecimento da vulnerabilidade. Um trabalho em que caibam a dignidade e o encontro transforma-se em diálogo consigo próprio e com os outros. Apresenta uma finalidade compartilhada, desperta correntes

de entendimento, colabora na pronúncia do “nós”, ajudando a superar diferenças e a promover o conhecimento mútuo; enriquece pelo intercâmbio de capacidades humanas e pela participação em processos criativos.

Assim, o trabalho se manifesta em sua verdadeira extensão, como um “lugar” em que todos podemos contribuir com algo, e não só no aspecto econômico. A vocação comum dos homens e mulheres ao trabalho leva-nos a convergir na tarefa de “recriar” o mundo e as suas relações. Por isso, quando o trabalho perde a sua dignidade de diversas maneiras, a pessoa fica distorcida em seu ser mais íntimo.

Na busca de soluções novas, porque não parece haver volta, o amor aos outros impulsiona a criatividade para encontrar esses novos caminhos, junto com os outros cidadãos. Não há um único caminho, há muitos, todos eles guiados pelo serviço, que é elemento integrante do bem comum. Em qualquer caso, a dignidade do trabalho se funda no amor: “O grande privilégio do homem é poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório. O homem pode amar as outras criaturas, dizer um ‘tu’ e um ‘eu’ cheios de sentido. E pode amar a Deus, que nos abre as portas do céu, que nos constitui membros da sua família, que nos autoriza a falar-lhe também de tu a Tu, face a face. Por isso, o homem não se deve limitar a fazer coisas, a construir objetos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, orienta-se para o amor.” (São Josemaria Escrivá, 19/03/1963)

19. Diário Večernji, Croácia (2-X-2021)

Recentemente, o senhor celebrou o 50º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Poderia recordar o início de sua jornada como sacerdote?
Daqueles momentos, recordo o quanto me impressionava poder celebrar a Santa Missa todos os dias. Depois, não deixei de pedir ao Senhor que nunca me acostume com essa experiência, mesmo que já não seja algo novo como era na época. Foi São Josemaria quem acolheu o meu chamado ao sacerdócio, e, por isso, muitas vezes recorro a ele para pedir-lhe pelo meu ministério sacerdotal e pela felicidade e fecundidade de todos os sacerdotes do mundo.

Como definiria sucintamente o Opus Dei, que o senhor dirige hoje?
O Opus Dei é uma instituição da Igreja que procura semear a paz e a alegria de Cristo no meio do mundo. Com os nossos erros e acertos, procuramos levar Cristo aos ambientes familiares, profissionais, sociais etc. A Obra deseja ser para muitas pessoas como uma “grande catequese”, em união com a catequese que é realizada pelas paróquias e por tantas outras instituições da Igreja.

Quem são os maiores inimigos do Opus Dei hoje?
O principal inimigo não é externo, mas interno: refiro-me ao perigo do mundanismo, porque os fiéis do Opus Dei vivem imersos nas realidades do mundo, um mundo em grande parte descristianizado, e não estamos imunes a uma possível perda de vigor espiritual. Não considero inimigos aqueles que se opõem externamente ao Opus Dei de uma forma ou de outra. Certamente em muitos casos são pessoas pouco informadas, que não compreendem o espírito que anima o Opus Dei, ou pessoas que nos ajudam a ser melhores com as suas críticas, quando elas têm fundamento.

Apesar disso, o Opus Dei continua a atrair muitos homens e mulheres. Sim, mas naturalmente gostaria que muitas mais pessoas estivessem dispostas a levar a Igreja de Jesus Cristo a todas os ambientes de Croácia e do mundo, não apenas por meio do Opus Dei, mas também de tantas outras realidades evangelizadoras que florescem na Igreja.

Como o Opus Dei responde às atuais crises de desinteresse e abandono da fé?

Um dos principais meios é o acompanhamento espiritual e a formação das almas, uma a uma, sendo bons amigos e amigas, com grande respeito à liberdade de todos. Se por trás dos fenômenos sociais só vemos uma massa indiferenciada de pessoas, talvez tenhamos uma visão pouco cristã das coisas: cada pessoa é amada por Deus e merece todo o respeito e atenção da Igreja, porque Cristo morreu por cada uma. Um aspecto principal é ajudar as pessoas a valorizarem o tesouro dos sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Penitência.

Como o senhor viu a crise causada pelo coronavírus?

Vejo isso como um apelo a viver para os outros, num espírito de solidariedade humana e de caridade cristã. A pandemia, como disse o Papa assim que ela começou, nos lembra que ninguém se salva sozinho, que dependemos uns dos outros e que todos temos algo a fazer no trabalho comum de cuidar do mundo.

A Prelazia que o senhor dirige responde diretamente ao Santo Padre. Como o senhor vê o papel do Papa Francisco no mundo atual?

Na realidade, não só os fiéis do Opus Dei, mas todos os católicos dependem diretamente do Papa, embora também tenham outras dependências na Igreja. Por outro lado, a nossa dependência do Papa, como a de tantas outras circunscrições da Igreja, é mediada pela Congregação para os Bispos e por outros organismos da Santa Sé.

Quanto ao papel do Papa, penso, voltando ao que disse antes, que precisamente neste mundo em que a pandemia nos obriga a colocar muitas coisas em discussão, sua presença paterna é mais necessária do que nunca. Por exemplo, muitas pessoas me falaram sobre o impacto que tiveram com a imagem da Praça de São Pedro vazia e do Papa confortando e abençoando a todos como Vigário de Cristo.

O Papa Francisco tem críticos dentro da própria Igreja. Os católicos podem criticar o Papa?

A história nos ensina que em todos os pontificados houve momentos de fortes críticas, por um motivo ou outro. Quanto à sua pergunta sobre a legitimidade das críticas, eu lhe diria com o nosso fundador, São Josemaria, que penso que o Papa, vigário de Cristo, deve ser sempre amado e não criticado, seja ele quem for.

Em agosto, o senhor visitou a Croácia, entre outros lugares. Qual foi a finalidade da sua visita e a sua mensagem para as pessoas com que se encontrou em Zagreb?

Foi uma das minhas primeiras viagens pastorais desde o início da pandemia. O objetivo principal era estar com as pessoas da Prelazia. Não fui à Croácia para transmitir uma mensagem especial, mas para acompanhá-los, embora naturalmente tenha partilhado algumas coisas que estão no meu coração: falei-lhes de amor à Igreja e ao Papa, de união com os bispos, de perseverança na vida de fé, da missão apostólica própria de todos os cristãos e, neste contexto, do valor da amizade e de tantas coisas que surgiram nas conversas familiares. Encorajei todos a serem muito gratos a Deus pelo dom da fé e a testemunhar, no trabalho e na vida diária, a alegria de ter encontrado Cristo.

20. Diário Avvenire, Itália (13-XII-2021)

Mons. Ocáriz, a espiritualidade do Opus Dei consiste em descobrir – e ajudar os outros a descobrir – os “caminhos divinos da terra”, como disse São Josemaria Escrivá. Na sociedade de hoje, por onde passam estes caminhos?

Todos os caminhos, as estradas da terra, são divinos, na medida em que os descobrimos como caminhos que nos conduzem ao Senhor. Se contemplarmos este mundo com os olhos de quem se sabe filho de um Pai amoroso, que nos colocou aqui para O amar e para amar os outros, para semear a paz e a alegria, então a vida normal assume uma tonalidade completamente diferente. A nossa existência torna-se uma aventura de amor: podemos encontrar Deus no meio das coisas mais comuns.

No Evangelho, há muitas referências a “caminhos”. Penso naquele que ia de Jerusalém a Jericó. O Bom Samaritano descobriu Deus no pobre homem que jazia à beira do caminho. Todos podemos descobrir o Senhor no rosto dos outros, nos deveres familiares e sociais, ao fazermos as coisas pequenas, se as fizermos com amor.

No livro, partilha com os leitores as suas notas pessoais para oração e pregação, recolhidas desde 1977. Porque decidiu publicá-las?

Aceitei o pedido da editora para dar a algumas destas notas uma forma mais “sistemática” com o desejo de que, com a ajuda de Deus, pudessem encorajar os leitores a procurar o contato direto com Jesus, partindo da contemplação e da oração que, como São Josemaria disse no *Caminho*, “nunca é um monólogo”.

Como conquistar intimidade com as palavras de Jesus? O seu livro é um convite ao diálogo pessoal...

É certamente útil procurar ler o Evangelho com amor. Mesmo se lemos apenas algumas palavras, elas são um presente de Deus, é a forma que Ele escolheu para ficar perto de nós e continuar a falar conosco. Então, em conjunto com o amor, é bom que haja também uma certa continuidade tal como nas relações humanas: a amizade cresce através da familiaridade com os outros. [Lembro-me de um artigo que o então Cardeal Ratzinger publicou por ocasião da canonização de São Josemaria](#). O futuro Bento XVI escreveu que a santidade consiste em “falar com Deus como se fala com um amigo”. A leitura do Evangelho com amor e perseverança permite-nos tornarmo-nos amigos do Senhor.

Como pode o Evangelho inspirar os cristãos leigos de hoje que estão absorvidos numa vida que é frequentemente tão exigente que mal conseguem respirar?

É precisamente o Evangelho que nos pode dar alento, que nos pode ensinar a viver com a paz de Cristo no meio de uma vida tão exigente. Cultivando a amizade com Jesus, podemos aprender a viver o presente com amor, amando a realidade que o Senhor nos dá. Não há situação humana que não possa ser iluminada pela amizade de Jesus que é possível cultivar por meio do Evangelho. Além disso, as pessoas encontram sempre tempo para as coisas que lhes interessam. Se estivermos verdadeiramente interessados na nossa vida espiritual,

encontraremos o espaço necessário para uma leitura pausada e contemplativa, da qual poderemos retirar a força para enfrentar os desafios de cada dia com paz e serenidade.

A sua meditação é sempre centrada na pessoa de Jesus: como podemos encontrá-Lo na vida cotidiana?

Às vezes, antes de começar a trabalhar, São Josemaria dizia ao Senhor: “Jesus, vamos fazer isto juntos”. Este é um belo ato de fé que nos permite perceber que Ele está realmente ao nosso lado. E tão simples... Além disso, podemos também ter momentos ao longo do dia dedicados ao diálogo com Jesus. E também o podemos encontrar nas pessoas com quem entramos em contato por razões familiares, de trabalho ou outras. Isto não é simplesmente uma técnica para fazer o bem: o próprio Jesus nos disse que está verdadeiramente presente nas pessoas que nos rodeiam. Assim, teremos os nossos corações abertos às necessidades dos outros. No final, e com a graça de Deus, é possível transformar o dia em um diálogo com o Senhor.

A “santidade no meio do mundo”, tão característica da mensagem do Opus Dei, pode parecer quase uma pretensão, um propósito nobre, mas algo exagerado. Será realmente possível?

É possível, e há o exemplo de tantos santos leigos dos séculos XX e XXI. Para a procurar, é necessário conhecer, pelo menos em certa medida, a dinâmica do tempo em que vivemos, as potencialidades, os limites e as injustiças, mesmo que graves, que a atormentam. Acima de tudo, porém, é necessária a nossa união pessoal com Jesus, deixando-O amar-nos nos sacramentos e na oração. Esta “pretensão” é já patrimônio de toda a Igreja. São Paulo VI disse que a mensagem central do Concílio Vaticano II é o chamado universal à santidade. O Papa Francisco dedicou recentemente uma exortação apostólica, *Gaudete et exsultate*, precisamente à chamada dos leigos à santidade no mundo contemporâneo.

Os jovens (mas também os adultos...) estão imersos num clima cultural que parece equiparar todas as escolhas. Como podemos ajudá-los, hoje, a descobrir os valores cristãos que dão à vida o seu fundamento?

Mais do que de “valores cristãos”, prefiro falar da pessoa de Jesus como o fundamento da vida dos jovens... e, obviamente, de todos. O cristianismo não é principalmente um conjunto de princípios morais, nem um sistema de valores. Trata-se primeiro que tudo de se apaixonar por Jesus, Caminho, Verdade e Vida. Todos nós – jovens e velhos – queremos ser felizes. Todas as escolhas que fazemos, afinal, são explicadas pela ideia de que nos farão felizes e de que podem contribuir para a felicidade dos outros (família, amigos...). Muitas vezes cometemos erros, mas podemos sempre voltar ao caminho certo. Descobrir que Jesus sacia todos os desejos de felicidade é o grande desafio dos cristãos. Mostrar, com as nossas vidas e as nossas palavras, que Jesus é o único que pode saciar a sede de bondade, verdade e beleza que todos – e os jovens em particular – sentem nos seus corações. Trata-se de um belo desafio pastoral.

Neste tempo de recuperação difícil e incerta, em muitas paróquias, assiste-se a uma contração das presenças, uma das consequências da pandemia. Como podemos trazer aqueles que, por alguma razão, têm dificuldade em “voltar”?

O Papa Francisco indicou várias vezes que precisamos de comunidades onde as pessoas se amem e se convertam através da atração, e não através de planos organizados. Um aspecto fundamental da atratividade é cuidar da unidade, ou seja, o de ter “um só coração e uma só alma”.

Como consequência do amor, esta unidade chama-se comunhão e é de fato atraente, também porque é uma unidade na diversidade. Por outro lado, trata-se de fomentar a verdadeira amizade pedindo a Jesus que sejamos capazes de olhar para todas as pessoas com o seu olhar amoroso.

Notas

[←1]

São Josemaria, Homilia [Sacerdote para a Eternidade](#) no livro Amar à Igreja

[←2]

¹ *É Cristo que passa*, 144.

[←3]

Homilia na Vigília Pascal, 19/04/2014.

[←4]

São Josemaria, *Caminho*, n. 508

[←5]

São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 144.

[←6]

São Josemaria, *É Cristo que passa*, nº 172.

[←7]

Francisco, *Audiência general*, 10-V-2017.

[←8]

Bento XVI, *Spe Salvi*, 37

[←9]

Francisco, [Carta a todos os fiéis para o Mês de Maio](#)

[←10]

Carta 31-V-1954, n. 36

[←11]

¹ São Leão Magno, *12º Sermão sobre a paixão do Senhor*, 3, 7: PL 54, 357

[←12]

¹ Francisco, [Momento extraordinário de oração em tempos de pandemia](#), 27-III-2020.

[←13]

² Mensagem de Bento XVI, PARA O 20º DIA MUNDIAL DO DOENTE, 11-II-2013.

[←14]

³ São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1289 (5.10.1935).

[←15]

⁴ Francisco, Ângelus, 10/02/-2019.

[←16]

⁵ São Josemaria, Carta 16/07/1933, n. 3

[\[←17\]](#)

¹ Amigos de Deus, 57

[←18]
²Mc 6,3.

[←19]

³ Papa Francisco, *Laudato si'*, n. 127.

[←20]

⁴Rm 8, 15.

$[\overleftarrow{21}]$
 ${}^5\text{Lc } 5, 5.$

[←22]

⁶Lc 5, 6.

[←23]

⁷ São Josemaria, Anotações da pregação de 20-XII-1974, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. 2, p. 68.